

5 (RE) ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL DE URUÇUI

Este capítulo analisa os dados obtidos na pesquisa de campo realizada em Uruçuí, com a finalidade de constatar as consequências socioeconômica, espacial e ambiental decorrentes da implantação dos projetos agrícolas no município.

Para tanto, o capítulo dividiu-se em quatro itens. O primeiro definiu o perfil dos moradores da zona urbana com vistas a identificar a percepção sobre as diferenças espaciais na cidade e no campo a partir da década de 1990. O segundo versou a respeito da compreensão dos comerciantes quanto à dinâmica econômica presenciada nos espaços urbano e rural. O terceiro analisou a participação da população rural no processo de reorganização espacial. E o quarto destacou a participação do produtor rural como o principal elemento reprodutor e transformador do espaço local.

5.1 População da zona urbana de Uruçuí

Desde os anos de 1990, Uruçuí está sendo palco de crescente processo de urbanização, em função da migração de empreendedores oriundos do Centro-Sul do Brasil, os quais foram fundamentais para a dinamização da produção agrícola, em particular de grãos.

Em conformidade com o procedimento metodológico, a pesquisa de campo contou com um universo de 216 (duzentos e dezesseis) moradores da zona urbana com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos. Do total, 30,09% encontravam-se entre 18 e 25 anos, e destes 11 (onze) não presenciaram diferenças espaciais em virtude da proximidade temporal entre a intensificação da produção de soja e a faixa etária dos agentes econômicos. Enquanto, 27,07% tinham entre 26 e 33 anos, os quais identificaram profundas mudanças no município, sobretudo nos âmbitos econômico, devido à geração de trabalho para os locais e, ambiental, derivado do intenso desmatamento na zona rural.

Já 36,57% e 6,27%, respectivamente, que estavam nos estratos etários de 34 a 65 anos e superior a 66 anos, consignaram modificações nos setores de serviços, expressada pelo comércio, e da agricultura, os quais proporcionaram melhoria nas condições de vida da população, manifestadas pela aquisição da casa própria, pelo aumento do poder de compra de produtos alimentícios e pelo acesso à saúde e ao lazer. Contudo, verificou-se que o conjunto da população não foi contemplado com tais melhorias, haja vista que os empregos gerados exigiam trabalhadores qualificados e o município não contava com grande contingente nesta condição. Marques (2002) corroborou com esta configuração quando salientou que a introdução de técnicas modernas nos processos produtivos requereu a diversificação das atividades e, por consequência, de técnicos qualificados.

Através da pesquisa de campo, constatou-se que 89,33% da população local eram oriundas do estado do Piauí. E, deste total 77,31% eram naturais de Uruçuí, 3,24% de Ribeiro Gonçalves que dista em torno de 100 km, cuja atividade econômica embasa-se também na produção de grãos e 2,78% eram provenientes de Barras, que se localiza na região norte do Estado, porém caracteriza-se por um intenso processo migratório de jovens e adultos e de trabalhadores desempregados para realizar tarefas temporárias em empreendimentos agrícolas em todo o país e, em particular, em Uruçuí, durante o período de colheita dos produtos. Os demais 6,0% eram originários de vários municípios próximos a Uruçuí.

A naturalidade dos 10,67% restantes distinguiu-se em 9,28% do Maranhão, uma vez que este Estado margea Uruçuí pelo lado direito do rio Parnaíba e 1,39% eram do Ceará, Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul. Na realidade, este montante era representado pelos produtores de soja com suas respectivas famílias. Este contexto explicitou a conformação da territorialização, pois de acordo com Haesbaert (2006) possibilitou a consolidação de moradias e atividades produtivas desenvolvidas pelos sulistas¹¹.

Em consonância com a pesquisa, verificou-se que 25,93%, 24,54% e 20,37% da população residiam em Uruçuí de 31 a 38 anos, entre 23 a 30 anos e mais de 38 anos.

¹¹ Sulistas é como são denominados o conjunto dos produtores de grãos residentes nos municípios do cerrado do Piauí, no entanto a origem dos mesmos pode ser do Centro-Oeste e do Sudeste.

Ressalta-se que 6,94%, 11,11% e 11,11% moravam em Uruçuí menos de 7 anos, 7 a 14 anos e de 15 a 22 anos, respectivamente, o que revelou a importância dos projetos produtores de grãos para o incremento populacional, devido à emigração de trabalhadores para Uruçuí, proveniente de outros municípios do Piauí e de demais Estados do Brasil para desempenharem atividades na agricultura, no comércio e em diferentes tipos de serviços, como demonstrados no Gráfico 1.

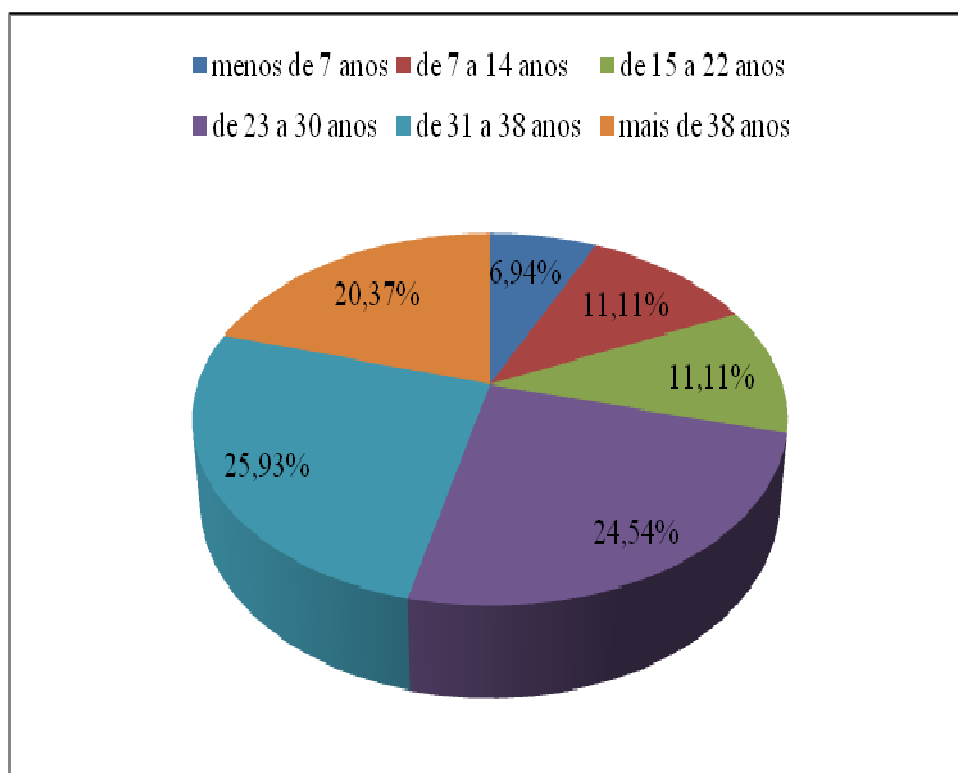


Gráfico 1: População urbana segundo o período de moradia em Uruçuí - PI.

Fonte: Pesquisa de campo, março de 2008.

Além disso, denotou-se que 70,84% dos residentes no município, que corresponde à soma do intervalo de 23 até mais de 38 anos, consubstanciaram-se na população histórica de Uruçuí. Enquanto, 29,16% dos habitantes representando o período de menos de 7 até 22 anos evidenciaram a relevância dos empreendimentos produtores de soja para o acréscimo do adensamento populacional de Uruçuí, conformando segundo Santos, Sousa e Silveira (2002), um novo modelo de construção e funcionamento do território local.

Salienta-se, outrossim, que a implantação dos projetos produtores de grãos incentivou a instalação da Bunge Alimentos S/A¹² no município, a qual contribuiu sobremaneira para o incremento da oferta de emprego para a população local, durante a construção da planta produtiva e quando do pleno funcionamento, porém em atividade historicamente de baixa remuneração.

Do universo alvo da pesquisa, 32,41% possuíam o ensino médio concluído, 27,31% nível fundamental incompleto, 14,35% não tinham instrução formal, mas assinavam o nome, 13,89% estavam cursando o ensino médio, 7,41% possuíam ensino fundamental completo, 3,70% o nível superior completo e somente 0,93% ainda encontrava-se no ensino superior, como demonstrado no Gráfico 2.

¹² A origem da Bunge data de 1818 na Holanda e em 1905 foi instalada a primeira empresa no Brasil em Santos no estado de São Paulo. A multinacional opera no Brasil em 270 cidades nos setores Bunge Alimentos e Bunge Fertilizante, que juntos formam a Bunge Brasil, empresa de agribusiness com o objetivo de atuar de forma integrada em toda a cadeia produtiva de grãos, ou seja, da plantação à transformação em produtos industrializados (FUNDAÇÃO BUNGE, 2007).

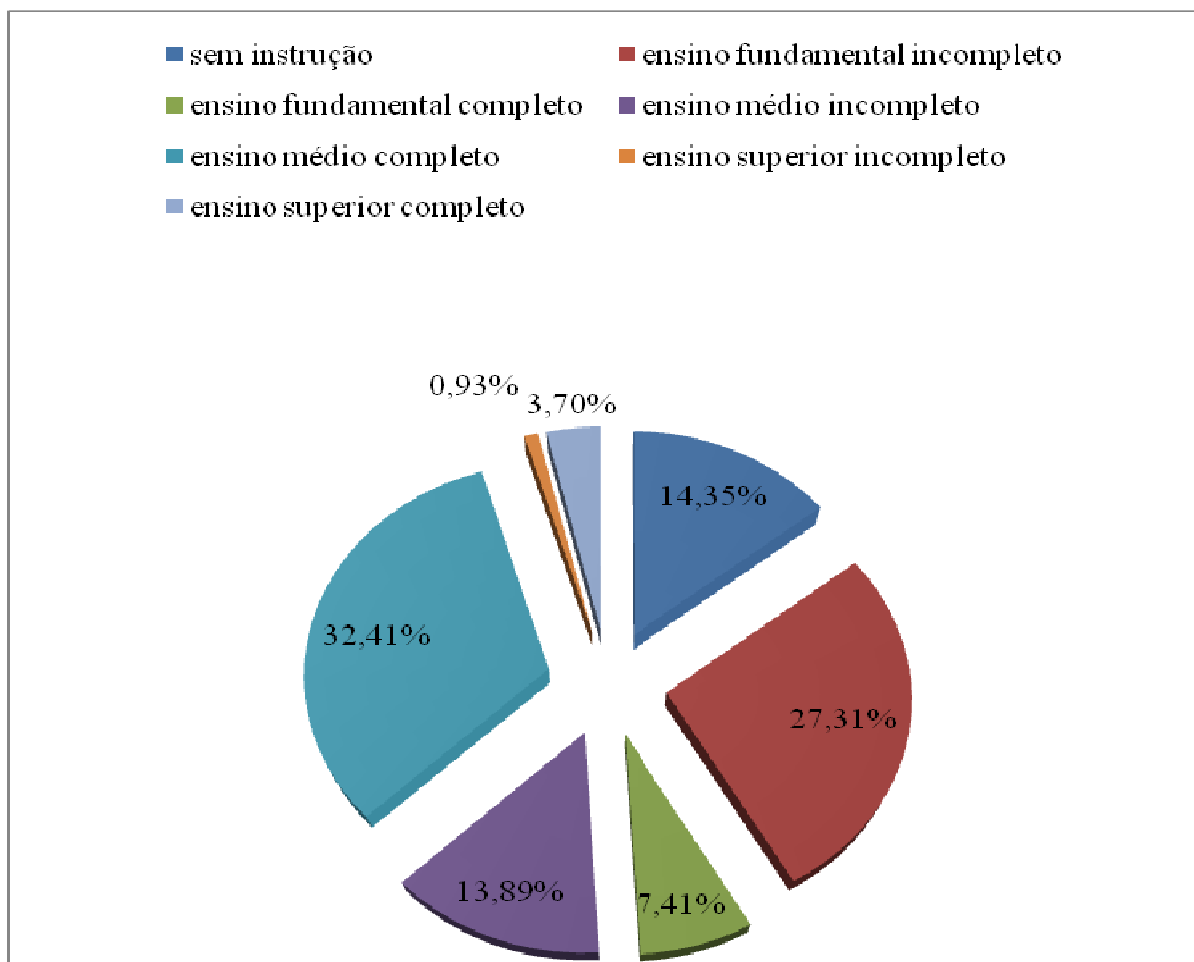


Gráfico 2: Escolaridade dos agentes econômicos sob investigação em Uruçuí - PI.

Fonte: Pesquisa de campo, março de 2008.

Em conformidade com o Gráfico 2, percebeu-se a predominância dos ensinos médio e superior no município com 36,11%. Este contexto manifestou que em função do reduzido contingente e da crescente demanda da trabalhadores qualificados para as atividades agrícolas e não-agrícolas, demonstrando que a estrutura educacional de Uruçuí está buscando suprir esta carência.

Destaca-se também, não obstante este cenário, que 41,66% dos trabalhadores encontram-se ainda sem instrução e com o ensino fundamental inconcluso, o que significou que os mesmos somente realizavam atividades que não exigiam qualificação formal, como pedreiro, eletricista, doméstica, office-boy, etc.

Constatou-se, outrossim, a diversificação das ocupações desempenhadas pelos trabalhadores de Uruçuí, na medida em que 31,30% eram estudantes, 24,81%

domésticas, 16,11% comerciantes, 6,02% lavradores, 3,24% donas de casa, 2,78% secretárias, 2,31% motoristas, 1,39% diaristas, frentistas, vigilante e técnico em eletrônica, 0,93% operários de máquinas, agente de saúde, dentista, carpinteiro, recepcionista, professor e gráfico, e 0,46% tratoristas, as demais profissões como vigilantes, funcionários públicos, pescador, frentista, soldador, advogado, etc, apresentaram reduzidas representações. A parcela de aposentados atingiu 10,65% do total analisado.

Faz-se mister demonstrar que a implantação dos projetos graníferos no município para 61,69% do total dos atores econômicos pesquisados, provocou o incremento da oferta de emprego, para 12,10% proporcionou o crescimento econômico, o qual redundou na intensificação da circulação de dinheiro e da arrecadação de impostos, para 10,48% acresceu o montante de pessoas no município, ocasionando o surgimento de novos bairros, aumentando, assim, o raio horizontal e para 4,44% proporcionou o melhoramento do sistema educacional, haja vista a expansão da quantidade e da qualidade de todos os níveis. Esta configuração, consoante com o pensamento de Moore (1963), expôs Uruçuí enquanto um local dinâmico que se modificou a partir do momento que começou a incorporar mecanismos inovadores para a comunidade local.

Ademais, ressalta-se que a instalação dos empreendimentos graníferos para 11,29%, ampliou as áreas destinadas ao cultivo de grãos, a qual impeliu como consequência a expansão do espaço rural. Tal panorama expressou que a imigração dos produtores agrícolas foram os responsáveis pelo estabelecimento de novas atividades econômicas, as quais suscitaram mudanças nos espaços até então pouco ocupados, como observado na Figura 7.



Figura 7: Visão parcial da Fazenda Condomínio União 2000 em Uruçuí - PI.

Fonte: Fianco (2007).

A referida Figura mostra uma Fazenda produtora de grãos cujo proprietário promove cursos de capacitação de aplicação de fertilizantes e agrotóxico para os empregados de 5h a 10h, por considerar que *“a saúde do trabalhador vem em primeiro lugar e neste ponto o estado do Piauí sai na frente dos demais Estados do Brasil que produzem soja”* (informação verbal)¹³. A relevância desta visão centra-se no conhecimento e no cumprimento da legislação ambiental.

Em consonância com o Gráfico 3, verificou-se que 43,05% dos atores sociais identificaram como a principal mudança no espaço urbano a partir da década de 1990, o crescimento do setor comercial, sobretudo, o de confecções e alimentos, em decorrência das novas demandas da população, por produtos de boa qualidade, contribuindo assim para aumentar a concorrência comercial na zona urbana. Para 30,10% foi significativo o crescimento da pavimentação das vias de acessos urbanos e

¹³ Fornecida pelo sócio/proprietário do Condomínio União 2000, Altair Domingos Fianco, em Uruçuí, em março de 2008.

rural, com o objetivo de racionalizar o tráfego e facilitar o escoamento da produção agrícola.

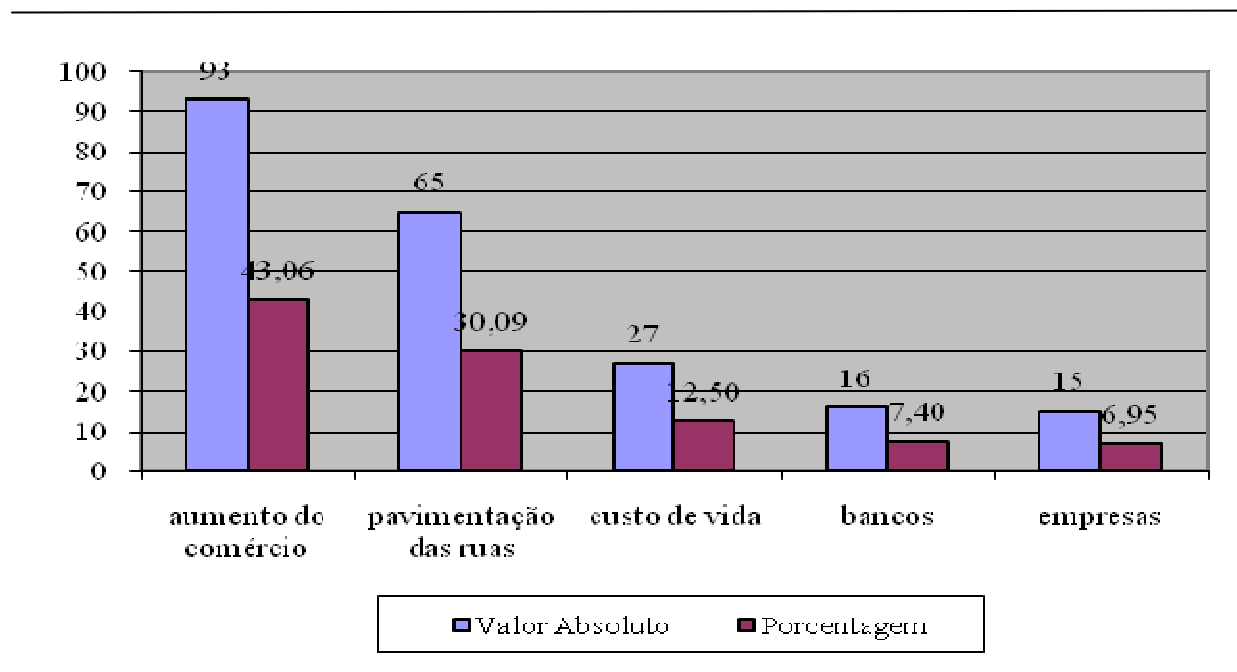


Gráfico 3: Distribuição das mudanças reconhecidas na zona urbana pelos agentes econômicos de Uruçuí - PI.

Fonte: Pesquisa de campo, março de 2008.

Ainda em conformidade com o Gráfico 3, 12,5% dos pesquisados reconheceram como consequência desse panorama a elevação do custo de vida, particularmente, de aluguel residencial que passou em média de R\$ 80,00 para R\$ 350,00. Este cenário estimulou o incremento de autoconstrução em áreas desprovidas de infra-estruturas, que de acordo com Haesbaert (2002), se constitui como redistribuidor dos grupos sociais, os quais assumem novas dimensões de organização da sociedade dentro de uma porção do território e que em Uruçuí provocou o surgimento de novos “bairros” na periferia do espaço urbano (Figura 8).



Figura 8: Acesso principal ao loteamento São Francisco, na zona urbana de Uruçuí - PI.

Fonte: Autora (2008).

A estrada exposta na Figura 8 é um exemplo axiomático da expansão da urbanização, ao exprimir o surgimento de aglomerados populacionais afastados do centro da sede do município como a comunidade Bela Vista, que segundo representante da Prefeitura, não é considerada oficialmente bairro. Tal contexto manifestou a horizontalidade do espaço urbano que para Santos, Sousa e Silveira (2002), consiste nos domínios da contiguidade dos lugares vizinhos reunidos por um processo de continuidade territorial que caracteriza o novo modelo de construção de territórios.

Assim, com vistas ao atendimento das distintas demandas, 6,95% e 7,40%, respectivamente, julgaram que a implantação de novas empresas e a ampliação do sistema bancário foram as mudanças mais perceptíveis no município. Em consonância com Santos e Silveira (2001), essa realidade expressiu-se como espaços luminosos, na medida em que passaram a encenar técnicas e informações essenciais para atrair empreendimentos econômicos que carecem de capital e tecnologia. Destarte, ressalta-se que esta configuração territorial embasada na necessidade de diversificar as linhas de

créditos para os produtores de grãos e para a população como um todo, exigiu a expansão da rede bancária de Uruçuí que conta com o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste e Bradesco.

Esta conformação, resultante da produção de grãos no município, promoveu mudanças no espaço rural, as quais encontram-se explicitadas no Gráfico 4.

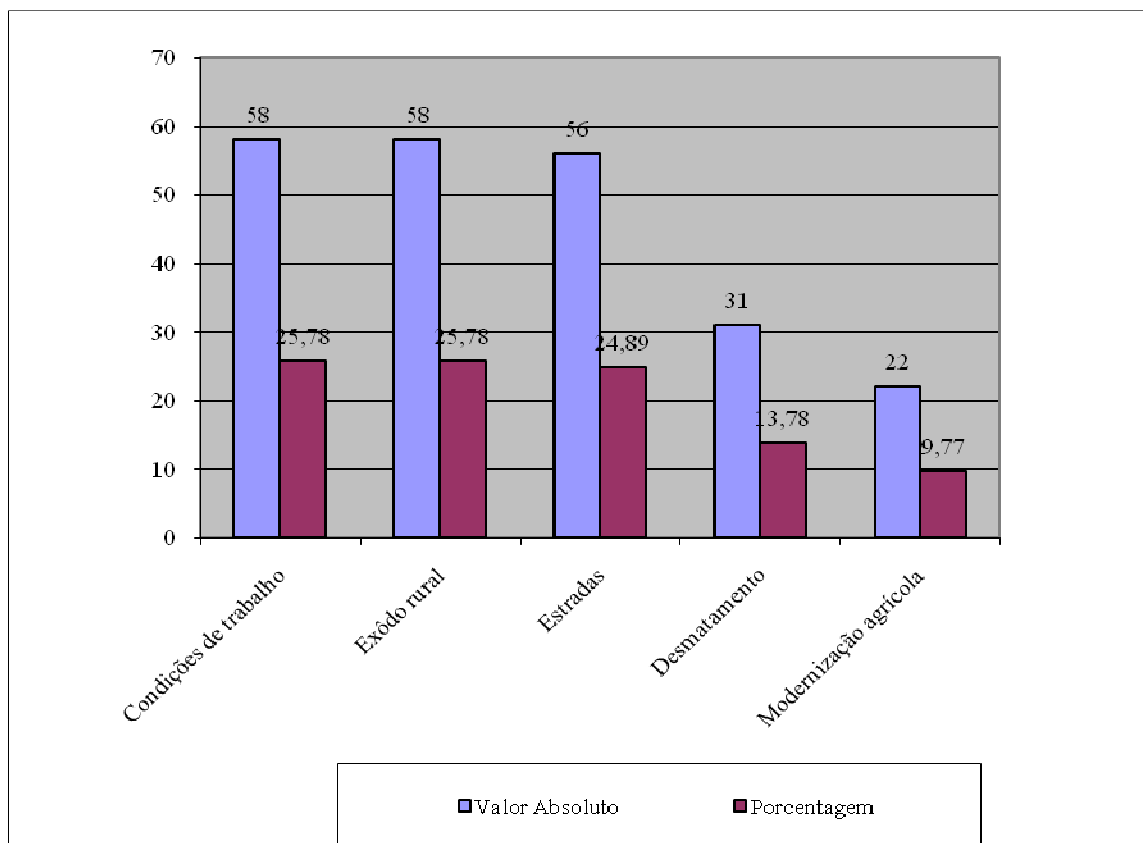


Gráfico 4: Percepção dos moradores de Uruçuí sobre a zona rural.

Fonte: Pesquisa de campo, março de 2008.

Diante do disposto no Gráfico 4, 25,78% e 25,78% dos pesquisados consideraram como modificações mais importantes o êxodo rural e as mudanças nas condições de trabalho, em virtude da recorrente migração de grande quantidade de famílias do campo para a cidade, e da instalação de atividades no campo com estreita ligação com as existentes na zona urbana. Esta situação de acordo com Fuller (1990), decorreu das novas funções agrícolas dependerem de outras não-agrícolas, o que proporcionou o surgimento das pluriatividades, enquanto uma das alternativas fundamentais de

utilização do espaço rural para atender a demanda do comércio internacional de *commodities*. Salienta-se, outrossim, que 24,89% reconheceram como proeminente a melhoria da malha rodoviária, especialmente da rodovia estadual PI-247, que liga os municípios de Uruçuí e Ribeiro Gonçalves (Figura 9) que é a opção de escoamento da produção agrícola.



Figura 9: Rodovia PI-247 que possibilita o acesso entre Uruçuí e Ribeiro Gonçalves - PI.

Fonte: Autora (2008).

A conveniência desta rodovia reside no fato de permitir o tráfico entre os municípios que produzem grãos no Estado e Ribeiro Gonçalves dispor de uma ponte sobre o rio Parnaíba que interliga o Piauí até o Porto de Itaqui em São Luís, no Maranhão, onde as *commodities* são transportadas para o mercado externo.

Ainda com referência ao Gráfico 4, identificou-se que 13,78% dos agentes econômicos expressaram o desmatamento como uma das alterações essenciais no espaço rural, como apresentado na Figura 10.



Figura 10: Plantação de soja no Condomínio União 2000.

Fonte: Fianco (2007).

Tal como demonstrado na Figura 10, para a efetiva exploração agrícola faz-se necessário o desmate. Nesse sentido, a instalação de grande quantidade de projetos produtores de grãos impulsionou a progressiva derrubada da vegetação, a qual redundou no extermínio da fauna e dos microorganismos, na medida em que a referida atividade produtiva alicerçou-se na grande propriedade. Enquanto, para 9,77% a mudança mais contudente assentou-se na agricultura erigida no uso de técnica e de insumos modernos, que possibilitou a elevação da produtividade e o surgimento de novas atividades econômicas complementares a agricultura.

De acordo com Campanhola e Graziano da Silva (2000), esta nova dinâmica agrícola em implementação no campo rural uruçuense foi fundamental, em virtude de gerar suportes físicos aos fluxos econômicos e sociais e favorecerem a integração dos espaços rural e urbano.

Já segundo Santos e Silveira (2001), esta conformação caracterizou-se como espaços luminosos, em função de proporcionar a dinamicidade da economia de Uruçuí

integrando os espaços a partir da lógica informacional geradas neste local, devido à utilização de capital, tecnologia, recursos naturais e mão-de-obra local.

Através da pesquisa, constatou-se que para 73,15% dos entrevistados a população de Uruçuí teve participação ativa no cultivo de grãos, seja diretamente na produção ou em atividades indiretamente relacionadas ao sistema produtivo. Este contexto, exprimiu o fortalecimento das ORNA's em Uruçuí, derivado em consonância com Basaldi (2001), de gerar atividades econômicas alternativas e complementares à granífera que oportunizaram a sustentabilidade do trabalhador na terra.

Sendo assim, 26,85% não perceberam a participação ativa da população nos projetos agrícolas, em razão de considerarem como atividade direta apenas as realizadas no interior das Fazendas, como tratorista, cozinheira, motorista, etc. Ressalta-se que este entendimento não evidenciou a incorporação de novas atividades, que não obstante não serem internas aos projetos, eram imprescindíveis a operacionalização do processo produtivo, as quais proporcionaram a reorganização territorial com a finalidade de atender as necessidades dos empreendedores agrícolas e para promover a melhoria das condições de vida da população de Uruçuí.

Este processo incitou a expansão de forma dinâmica de diversos ramos do setor comercial nos espaços urbanos e rural, como o surgimento de loteamentos, particularmente, nas proximidades das Fazendas para a construção de casas destinadas aos empregados da multinacional Bunge Alimentos S/A, como visualizadas nas Figuras 11 e 12, bem como de pequenos e médios comércios, como expostos nas Figuras 13 e 14.



Figura 11: Visão parcial da Bunge Alimentos S/A em Uruçuí - PI.

Fonte: Autora (2008).



Figura 12: Casas no loteamento Portal dos Cerrados na zona rural de Uruçuí - PI.

Fonte: Autora (2008).



Figura 13: Comércio de peças para caminhões e tratores na zona rural de Uruçuí - PI.

Fonte: Autora (2008).



Figura 14: Comércio de vendas de tratores no loteamento Portal dos Cerrados em Uruçuí-PI.

Fonte: Autora (2008).

Este panorama, como explicitado nas referidas Figuras, mostrou a interdependência entre os espaços rural e urbano em Uruçuí, na medida em que de acordo com Krahll e Campos (2006) exibiu diversas atividades, sobretudo, a comercial que manifestou a lógica da reprodução ampliada do capital.

Na perspectiva de Graziano da Silva (2002), esta realidade expressou o processo denominado de rurbarno, que significa um novo rural com características próprias dos espaços rural e urbano, porém perfeitamente interrelacionadas (Figura 15).

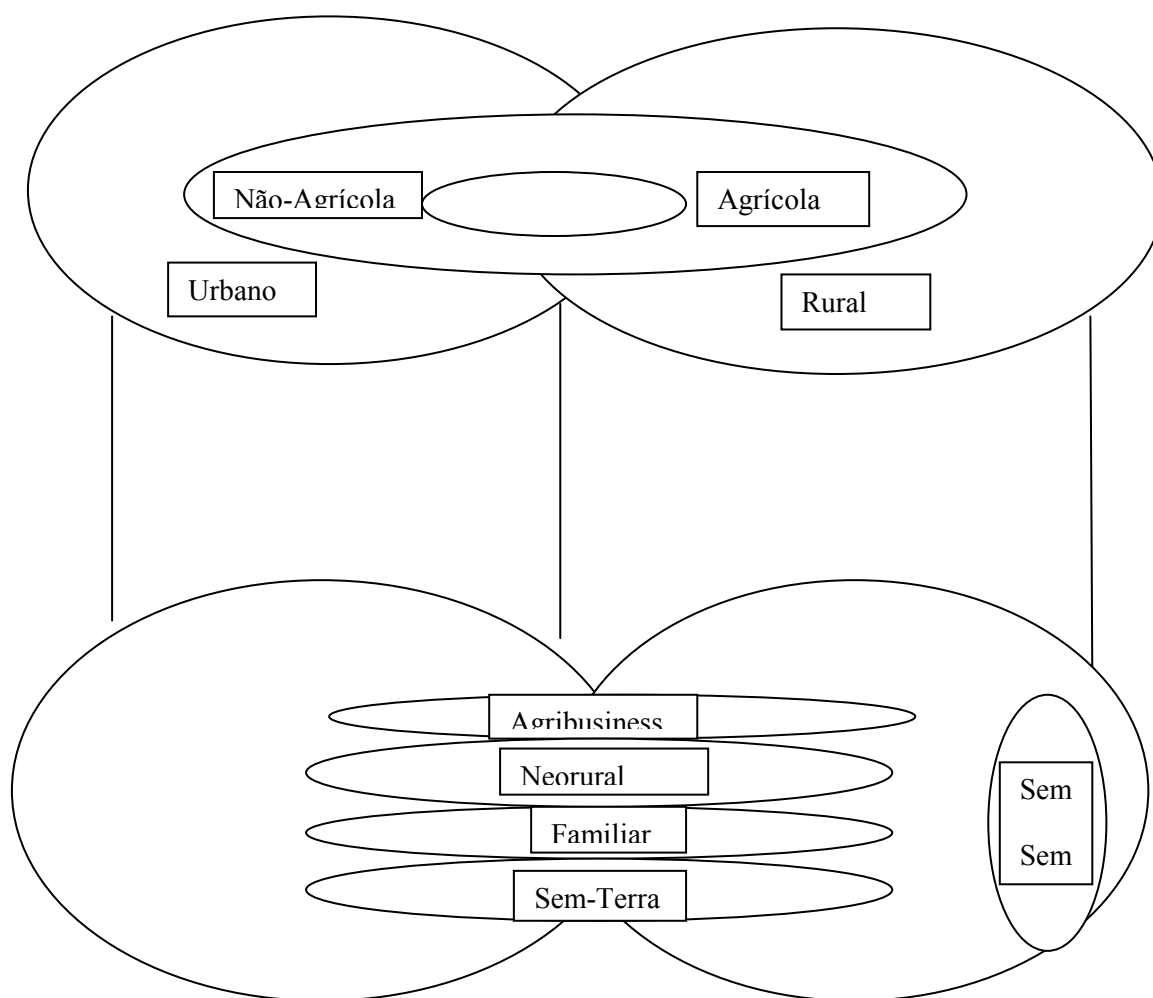


Figura 15: Esquema do mundo rurbarno.

Fonte: Graziano da Silva (2002, p. 414).

Consoante a Figura, comprovou-se que essa nova maneira de organização do espaço agrícola no Brasil alicerçou-se no desenvolvimento das pluriatividades, haja

vista a internalização de distintas atividades econômicas *vis-à-vis* às atividades em implementação na zona rural.

Dessa forma, reconhece-se que a lógica organizativa da economia em Uruçuí, baseada na produção de grãos, tem proporcionado diversas modificações não somente na zona rural, mas também na urbana, revelando a conformação denominada por Santos (2002) de construção do espaço de acontecer complementar, caracterizada pelas estreitas relações entre os espaços rural e urbano com a finalidade de produzir grãos, especialmente, soja, modernamente.

Tal cenário resultou-se na expansão do raio horizontal da cidade, consubstanciado por um lado, pela construção de condomínios de casas exclusivas para os diretores da Bunge Alimentos S/A (Figura 16). E, por outro lado, pela emergência de bairros no entorno do centro urbano sem infra-estruturas, como calçamento, rede de esgotos e sistema de água encanada e construção de residências sem fossas sépticas (Figura 17).



Figura 16: Casa dos servidores da Bunge Alimentos S/A no espaço urbano de Uruçuí-PI.

Fonte: Autora (2008).



Figura 17: Rua no bairro Areias em Uruçuí-PI.

Fonte: Autora (2008).

Segundo a Prefeitura Municipal de Uruçuí, a cidade possui oficialmente seis bairros: Água Branca, Malvinas, Aeroporto, Centro, Esperança e Areia. Contudo, por meio da pesquisa de campo, além desses, identificou-se os bairros Bela Vista, Vaquejada, Fogoso, Morro da Cruz, Golfo Pérsico e Jockey Club, que apesar de não serem formalmente reconhecidos, abrigavam os novos atores sociais, migrantes da zona rural e de demais localidades do Piauí e do Maranhão.

Este contexto expressou, em conformidade com Corrêa (2001), que o desenvolvimento da agricultura exportadora de grãos, ao estimular a fragmentação territorial no espaço urbano reproduziu a diferença funcional de cada segmento socioeconômico e ambiental.

5.2 Comerciantes locais

De acordo com o IBGE (2007), em Uruçuí existiam 286 (duzentos e oitenta e seis) estabelecimentos comerciais, distinguidos em reparação de veículos automotores, objetos pessoais, doméstico, alimentícios, bebidas, farmacêuticos, movelarias, auto escola, salão de beleza, açougue, dentre outros, distribuídos nos seis bairros formais. Deste total, aplicaram-se questionários junto a 30 (trinta) comerciantes, donde, constatou-se que 23,33% eram proprietários de mercearias que vendiam produtos de primeiras necessidades, como exposto no Gráfico 5.

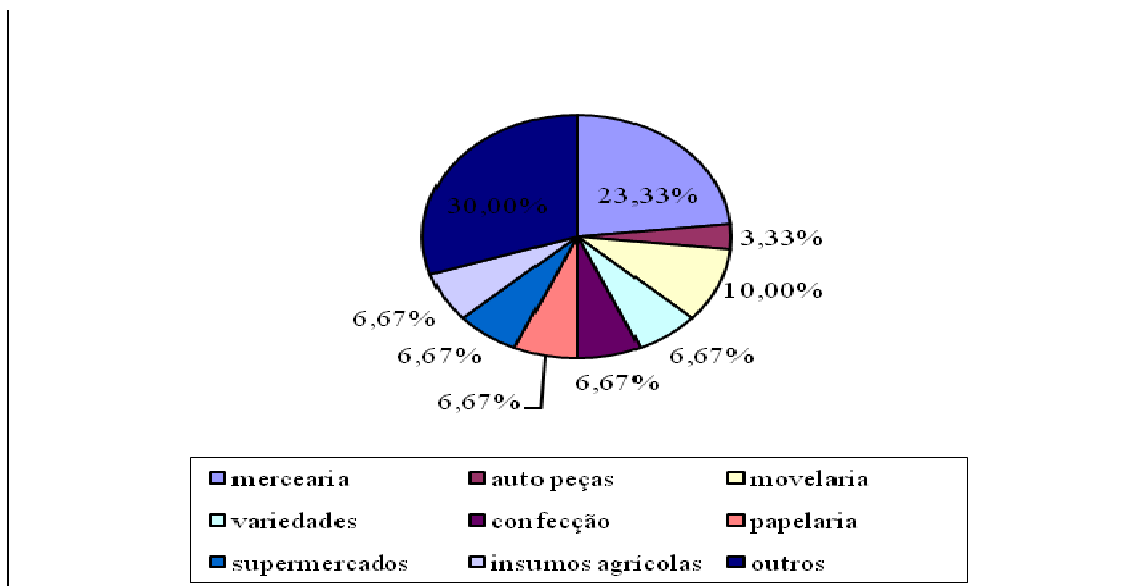


Gráfico 5: Estabelecimentos comerciais em Uruçuí-PI.

Fonte: Pesquisa de campo, março de 2008.

Através do Gráfico 5, verificou-se que 30,00% compreenderam os comerciantes que desenvolviam outros tipos de atividades, como cosméticos, autoescola, material de construção, açougue, dentre outros. Enquanto, 10,00% transacionavam móveis. Ressalta-se que cada negociante de confecção, supermercado, papelaria, variedades e insumos agrícolas era responsável por 6,67%, seguido de 3,33% do setor de auto peças. Enfatiza-se que os ramos comerciais que mais se expandiram em Uruçuí, concentraram-se nos dois últimos percentuais devido o aumento da demanda da população. Esta configuração segundo o IBGE (2007), possibilitou a arrecadação de R\$ 58.297,25, em 2005.

Ademais, faz-se premente salientar consoante a Fundação CEPRO (2003b), que a dinamização da atividade comercial em todo o estado do Piauí decorreu também do programa de estabilização da economia a partir de 1994, o qual proporcionou a melhoria do poder de compra da população, em especial a de baixa renda, redundando consequentemente, no incremento do consumo.

Em conformidade com Corrêa (2000), qualquer cenário semelhante a este incita a perda de território, pois o desenvolvimento econômico local estimula o surgimento de novas territorialidades. Em Uruçuí, este fenômeno foi gestado a partir da década de 1990, com a imigração de empreendedores agrícolas e comerciantes. Assim, no sentido de identificar a origem dos comerciantes, expõe-se o Gráfico 6.

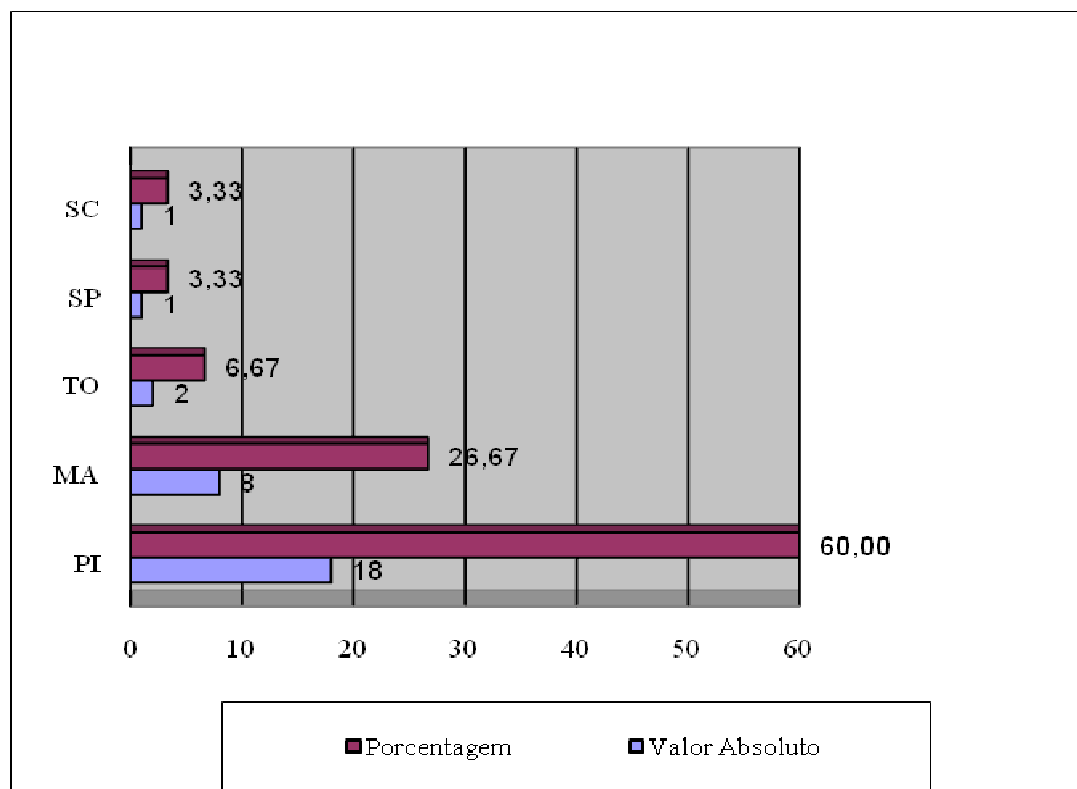


Gráfico 6: Naturalidade dos comerciantes de Uruçuí.

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2008.

Diante do disposto no Gráfico 6, 60,00% dos comerciantes eram naturais de diversas cidades do próprio Estado, 26,67% eram do Maranhão e 6,67% eram do Tocantins. Tais negociantes, em geral, pertenciam às famílias de comerciantes que transacionavam outros tipos de mercadorias. Enquanto, somente 3,33% respectivamente, eram procedentes de São Paulo e Santa Catarina, além disso, reassalta-

se no Gráfico 7, que 26,67% estavam há a mais de 10 (dez) anos desenvolvendo atividades comerciais, 33,33% de dois a cinco anos e 23,33% de seis a nove anos.

Como Santos e Silveira (2001), asseveram que é uma tendência natural a mobilidade de recursos humanos para áreas de baixa densidade demográfica em período de intensa ocupação, e como Uruçuí caracterizou-se por esse panorama, inferiu-se que em função do progressivo cultivo de grãos para a exportação, foi impulsionado consideravelmente o povoamento do município.

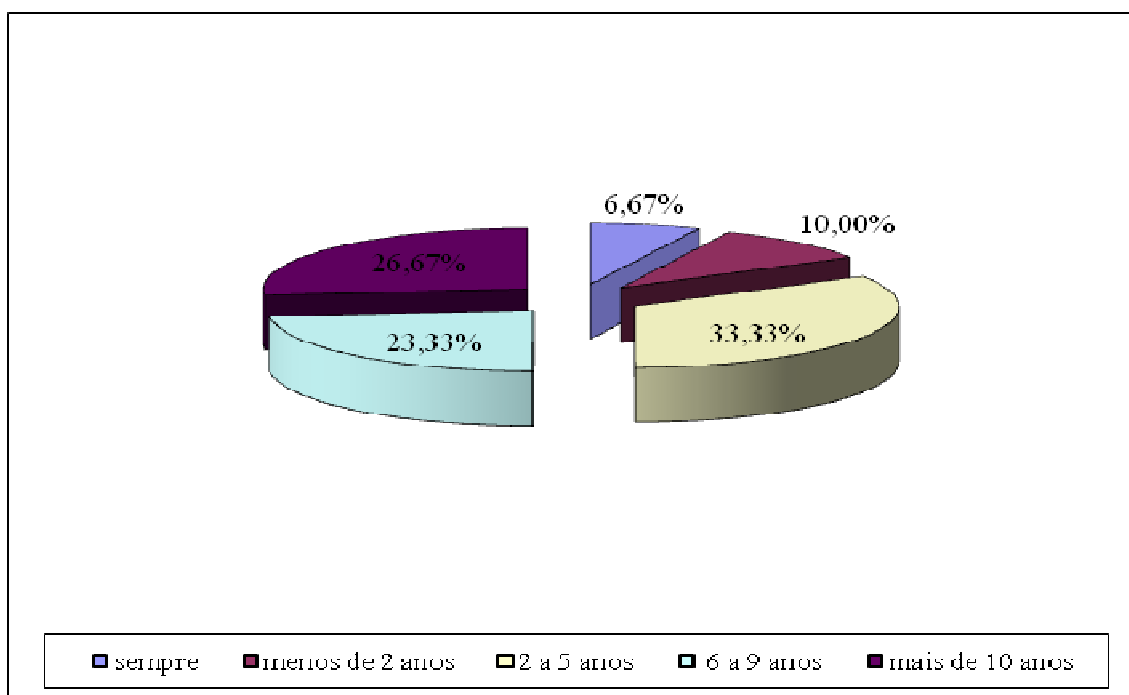


Gráfico7: Temporalidade de crescimento das atividades comerciais em Uruçuí.

Fonte: Pesquisa de campo, março de 2008.

Ainda com base no Gráfico 7, obsevou-se que 10,00% do universo pesquisado encontravam-se com menos de 2 anos comercializando no município e que somente 6,67% sempre desenvolveram esta prática. Destarte, enfatiza-se a prevalência do comércio como um dos ramos econômicos que mais cresceu em ambos os espaços rural e urbano, o que contribuiu significativamente para aumentar o contingente de trabalhadores com ocupações fixas e/ou temporárias.

Esta realidade, refletiu a conjuntura presenciada no Piauí, na medida em que em consonância com a Fundação CEPRO (2003b), o setor agrícola foi o que mais ocupou,

enquanto os setores comercial e de prestação de serviços empregavam mais intensivamente, sendo responsáveis em média por 70,1% dos postos de trabalho formal do Estado.

Acrescenta-se, outrossim, que 54,55% do universo pesquisado denotou que os empreendedores agrícolas promoveram o aumento da circulação de dinheiro no município, o que redundou no incremento da comercialização de produtos, resultando assim em geração de novas vagas de trabalho. Esta dinamicidade estimulou que 45,45% dos comerciantes diversificassem as mercadorias ofertadas com o objetivo de atender a crescente demanda, elevando, conseqüentemente, a taxa de lucro. Demonstra-se esta situação através da Figura 18, ao expor o primeiro empreendimento comercial de Uruçuí.



Figura 18: Centro Empresarial Alphaville em Uruçuí-PI.

Fonte: Autora (2008).

A referida Figura explicitou a interiorização do modelo de segregação no município, que de acordo com Corrêa (1993, p.59) manifesta “uma área geográfica caracterizada pela individualidade física e cultural. Seria ela resultante do processo de competição pessoal que geraria espaços de dominação dos diferentes grupos sociais”.

Ou seja, tal contexto em Uruçuí implicou na aquisição de bens de produção duráveis e não-duráveis pela população de maior poder aquisitivo.

Nesse sentido, destaca-se que as ditas formas de territorialização mostrada na Figura 18, expressaram a flexibilidade dos espaços urbano e rural, porque permitiram uma nova configuração de territórios para cada momento histórico, que para Haesbaert (2002) expressa o processo de reterritorialização.

Esta realidade vivenciada em Uruçuí consiste, em conformidade com Corrêa (2001), na construção e reconstrução de novos territórios, caracterizada pela constituição da materialidade social, criada por um lado pelo reflexo dos conflitos sociais e, por outro lado, por ser resultante do desenvolvimento das forças produtivas que gera novas tecnologias e meios de produção.

Ademais, evidenciou também a impraticável análise do território a partir dos fixos que os formaram, senão, entendê-lo por meio da relação que os fluxos proporcionaram com a interdependência dos espaços, haja vista que para Santos (2000, p. 84) “as atuais compartimentações dos territórios ganham esse novo ingrediente”, cuja característica básica centrou-se em selecionar espaços que podem ser considerados de rapidez.

Nessa perspectiva, concorda-se com Santos e Silveira (2001, p. 263), quando asseveram que os referidos espaços de rapidez eram dotados de maiores relações de vida, na medida em que se conformaram como “fruto da atividade econômica ou sociocultural [...] que responde a necessidade de uma circulação mais longínqua”.

Esta configuração exposta no Gráfico 8, revelou que 33,33% dos pesquisados avaliaram como impacto mais danoso ao meio ambiente o desmatamento, em virtude das grandes extensões de terras utilizadas para a produção de grãos, as quais transformaram as áreas planas do cerrado em “mar verde de soja” (Figura 19).

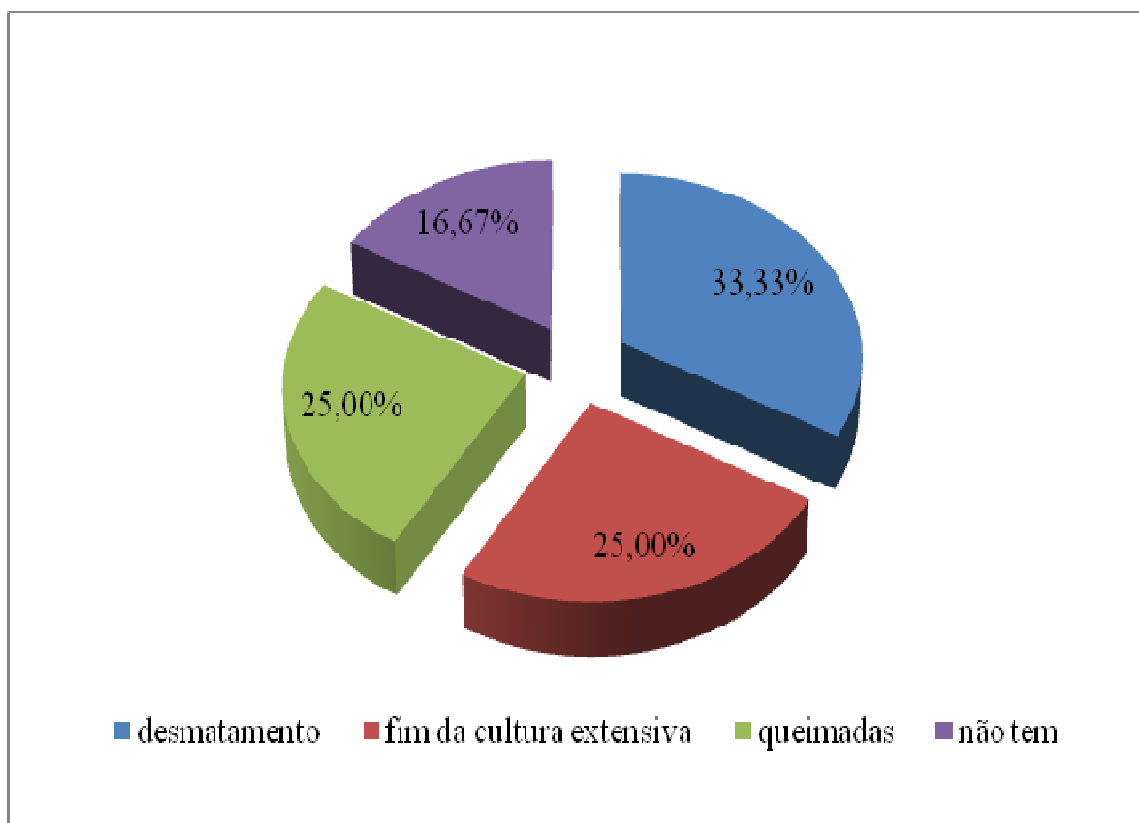


Gráfico 8: Problemas ambientais identificados pelos comerciantes de Uruçuí-PI.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.



Figura 19: Plantação de soja no município de Uruçuí-PI.

Fonte: Fianco (2007).

Enquanto, para 25,00% as externalidades negativas mais proeminentes foram as queimadas e a sinalização da finitude da pecuária extensiva, uma vez que as novas exigências das atividades graníferas alicerçadas em técnicas modernas, impediram a histórica criação de animais soltos nas áreas de terras planas.

Contudo, 16,67% não identificaram nenhum problema ambiental, não obstante reconhecerem que a atuação dos empreendedores agrícolas tenha proporcionado grandes mudanças econômicas em Uruçuí.

Tal contexto municipal refletiu a análise da Fundação CEPRO (2003b), de que as transformações operadas na atividade agrícola piauiense, além de serem relativamente recentes, eram estreitamente relacionadas à implantação de empresas voltadas para a produção granífera, sobretudo, soja.

Faz-se mister salientar, outrossim, que 80,00% do universo pesquisado constataram que o progressivo cultivo de grãos contribuiu para a integração dos espaços

rural e urbano, especialmente com a intensificação da migração pendular ocasionada pelo surgimento e desenvolvimento de diversas atividades na zona rural, as quais demandaram mão-de-obra da zona urbana, internalizando assim, segundo Basaldi (2001) o conhecido *commuting*.

Esta conformação, identificada em Uruçuí pela crescente incorporação e utilização do espaço rural a partir da década de 1990, expressou a celeridade da urbanização do campo, redundando em uma nova ruralidade que se consolidou por meio do *continuum* rural-urbano que, consoante com Reis (2006), consiste na abolição da perspectiva dicotômica tão presente no debate sobre os espaços rurais e urbanos.

Todavia, apesar desta realidade, 20,00% dos pesquisados consideraram o espaço rural como oposição à urbanidade. Esta situação, explicitada por Graziano da Silva (1998), constitui-se no primeiro mito do rural brasileiro, o qual associa a modernidade oposto ao atraso. Porém, sem embargo esta constatação reconheceu a internalização do progresso técnico no processo produtivo da zona rural.

Diante do exposto, verificou-se que os representantes do setor comercial de Uruçuí têm colaborado sobremaneira para a dinamização do comércio, como alternativa de atendimento das necessidades dos produtores rurais e para a geração de empregos, que tem possibilitado a redução da grave situação de pobreza ainda presente no município.

5.3 Moradores da zona rural de Uruçuí

Embasado no procedimento metodológico, a pesquisa de campo realizada junto às comunidades da zona rural entrevistou 83 (oitenta e três) chefes de famílias, distribuídos em 21 (vinte e um) e 42 (quarenta e dois) nos Assentamentos Santa Tereza e Flores, e 10 (dez) nas comunidades Sangue e Tamboril, respectivamente.

Essa investigação identificou que 83,13% do universo pesquisado eram naturais da zona rural de Uruçuí e eram pequenos e médios proprietários ou parceiros, cuja sobrevivência dependia exclusivamente da agricultura de subsistência nos Assentamentos e nos Povoados. Já 4,82% e 2,41%, respectivamente, eram originários

dos municípios de Sebastião Leal e Bertolândia, os quais se deslocaram para Uruçuí na perspectiva de conseguir postos de trabalho ou adquirir terras a baixo custo com a finalidade de explorá-las economicamente.

No entanto, 9,64% eram oriundos dos municípios de Ribeiro Gonçalves, Antônio Almeida, Itaueiras e Baixa Grande do Ribeiro no Piauí, e Benedito Leite, Loreto e Caxias, no Maranhão. Tal configuração está apresentada no Gráfico 9.

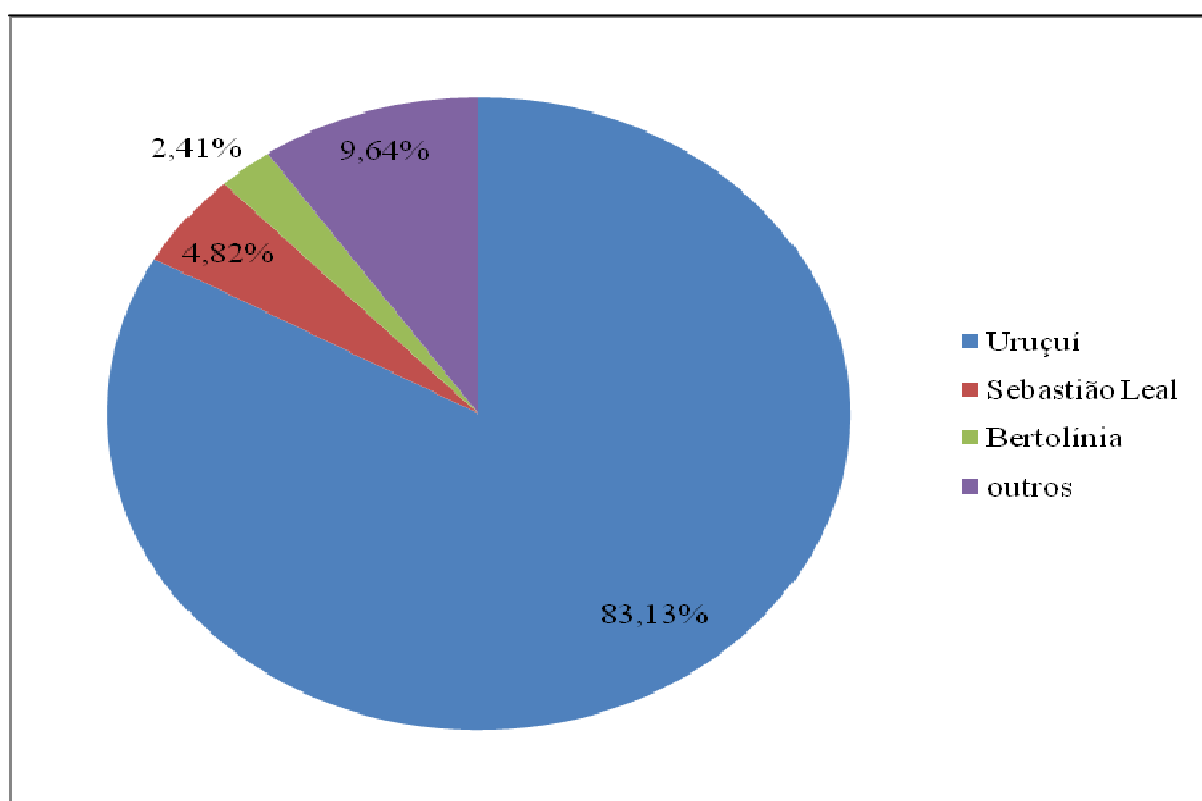


Gráfico 9: Naturalidade dos moradores da zona rural de Uruçuí-PI.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

Este contexto revelou que a criação de Assentamentos no território brasileiro, como Santa Tereza e Flores, em conformidade com Bergamasco e Norder (1996), não decorreu somente de uma política deliberada para atender as necessidades das populações rurais, mas, sobretudo, para atenuar os conflitos sociais no campo em função do estabelecimento de grandes propriedades produtoras de grãos em áreas povoadas por agricultores rurais, como ocorreu em Uruçuí. Assim, mesmo com a posse da terra, os pequenos produtores rurais não dispunham de condições de infra-estruturas

sociais básicas, como saúde, educação, transporte, dentre outras, que conduzissem a sustentabilidade socioeconômica e ambiental dos Assentamentos.

Observou-se por meio da pesquisa, que 59,04% dos moradores rurais eram lavradores (Gráfico 10), os quais produziam para subsistência o arroz, feijão, milho, mandioca e sorgo, e quando ocorria a geração de excedente, os mesmos comercializavam nas feiras livres nos espaços urbanos de Uruçuí. Já 16,87% eram domésticas na zona urbana, logo eram obrigadas a migrarem diariamente ou semanalmente entre o campo e a cidade, conforme o regime de trabalho. Este panorama, segundo Basaldi (2001), tem se tornado recorrente no Brasil, devido concorrer para a inserção da população rural e urbana em atividades não-agrícolas, provocando, dessa forma, o aumento da mobilidade dos trabalhadores de Uruçuí entre os espaços territoriais. Salienta-se que, somente 7,23% eram donas de casas e ocupavam-se exclusivamente com os afazeres domésticos, enquanto o chefe da família trabalhava na lavoura ou para uma empresa produtora de grãos.

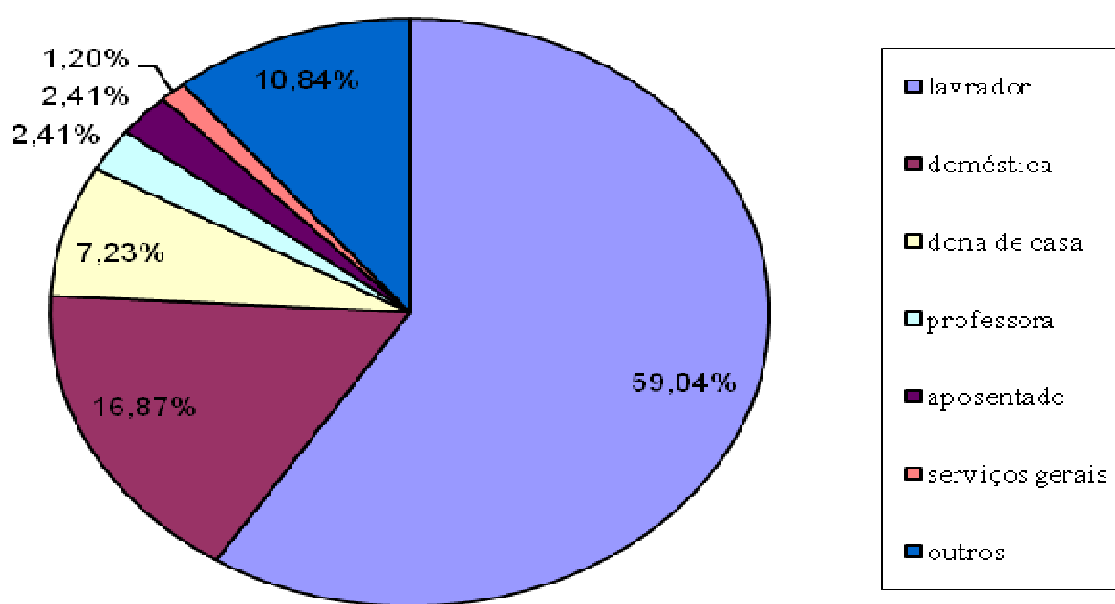


Gráfico 10: Profissão dos moradores da zona rural de Uruçuí-PI.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

Ainda de acordo com o Gráfico 10, 2,41% eram aposentados e habitavam na zona rural na perspectiva de melhorarem a qualidade de vida, seja por meio do cultivo em exíguas áreas para “passar o tempo” realizando alguma tarefa diária, ou porque não se adequavam mais ao modo de vida da cidade. Explicitou, por outro lado, que 2,41% eram professoras com nível superior completo, das escolas públicas municipais localizadas em povoados e/ou Assentamentos e moravam na própria comunidade.

Ressalta-se que 10,84% e 1,20%, dos residentes na zona rural exerciam outras profissões e serviços gerais, respectivamente. Tal conformação, consoante Basaldi (2001), era vivenciada no espaço rural brasileiro desde os anos de 1980 quando ocorreu o crescimento das ocupações rurais não-agrícolas da população economicamente ativa com domicílio rural. Outrossim, destaca que este fenômeno decorreu da crise da agricultura ter provocado o surgimento de novas atividades no meio rural, gerando como consequência a emergência de novos atores rurais e a similaridade dos mercados de trabalho urbano e rural.

Com base na concepção de Saquet (2007), inferiu-se que este panorama expressou o aparecimento de novos territórios sem fronteiras políticas, geográficas, econômicas e sociais, manifestando a complementaridade das atividades econômicas próprias da moderna lógica do capital no atual estágio da globalização mundial.

Faz-se mister destacar também que, o sorgo era negociado com os proprietários dos empreendimentos produtores de grãos, em particular, soja, em função de ser um importante nutriente na fase de preparação do solo (Figura 20).



Figura 20: Plantação de sorgo no Assentamento Santa Tereza em Uruaú-PI.

Fonte: Autora (2008).

Através da pesquisa de campo verificou-se que 68,67% do universo pesquisado evidenciaram a abertura de novos postos de trabalho e aquisição das terras nos Assentamentos, como as contribuições mais relevantes para o município após a instalação das fazendas graníferas.

Já 20,48% enfatizaram o setor comercial como o mais beneficiado, derivado da expansão quantitativa e do tamanho dos comércios nas proximidades do local de moradia, ocasionando, assim, uma nova organização espacial, ou seja, um refazer de territórios, que em consonância com Haesbaert (2002, p.122), variam conforme “a natureza dos fluxos em deslocamento, sejam eles fluxos de migrantes, de mercadorias, de informações ou de capital”.

Contudo, não obstante esta realidade, 10,85% não identificaram nenhuma vantagem no município como resultado da produção granífera. No entanto, sobressai-se que o contexto de mudança proporcionou para 49,4% dos moradores da zona rural alterações nas condições de trabalho no campo, especialmente em virtude da intensificação do uso de máquinas e equipamentos modernos nas fazendas (Figura 21).



Figura 21: Máquina colheitadeira de soja em uma Fazenda agrícola em Uruçuí-PI.

Fonte: Fianco (2007).

Essa configuração, segundo Basaldi (2005), derivou da progressiva concorrência intercapitalista que permeou o mercado de *commodities* em nível mundial, que além de dinamizar a produção de grãos, em especial, soja, dinamizou também o mercado de máquinas, equipamentos e insumos modernos destinados à agricultura.

Destaca-se, por outro lado, que 24,1% admitiram o desmatamento como o fenômeno mais perceptível, em função da ocupação das grandes extensões de áreas planas com o cultivo de grãos, conforme explicitado na Figura 19. Ao passo que, para 26,5% a infra-estrutura, isto é, o fornecimento de energia, água e estradas, constituíram-se nas transformações mais significativas no espaço rural, como explicadas no Gráfico 11.

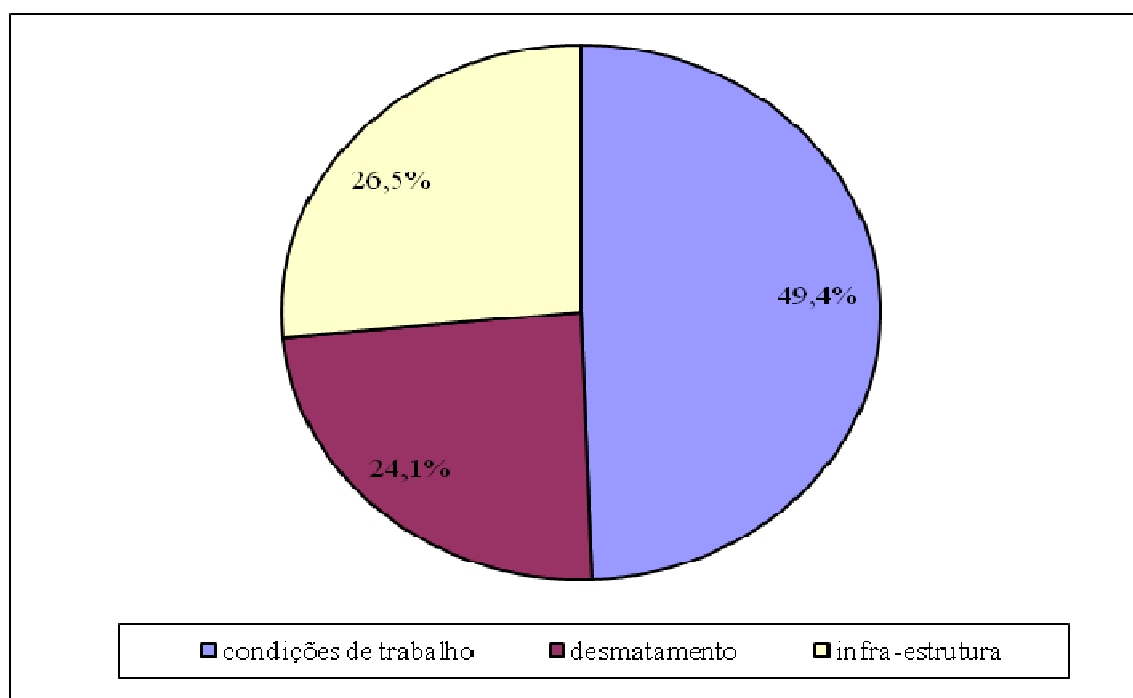


Gráfico 11: Mudanças identificadas pelos moradores da zona rural de Uruaú-PI.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

Tais constatações expuseram que a geração e a expansão de novos postos de trabalho no campo contribuíram para o surgimento das pluriatividades, como elos para as históricas atividades próprias do meio rural que, consoante com Kageyama (2002), resultou do esforço de diversificação dos pequenos produtores para se inserirem nos novos mercados locais.

Sem embargo Campanhola e Graziano da Silva (2000) reconheceram a baixa incidência das pluriatividades familiares no Brasil, concentradas em atividades de reduzida remuneração e baixa qualificação profissional, distinguiram uma vigorosa tendência para o incremento do contingente de famílias rurais pluriativas e não-agrícolas, derivado da recorrente diminuição da renda média do trabalhador exclusivo da agricultura, em virtude da intensificação da mecanização no campo.

Nessa perspectiva, Kageyama (2002) reafirma a forte tendência de crescimento da importância das pluriatividades para as famílias residentes no campo, em regiões antes centradas na agricultura tradicional, o que significa a diminuição de territórios classificados anteriormente como eminentemente ou exclusivamente rurais, na maioria dos países desenvolvidos e nos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Ademais, 75,9% do universo pesquisado enfatizaram a ativa participação dos residentes na zona rural, direta ou indiretamente, em todas as atividades desenvolvidas nos empreendimentos produtores de grãos, como determinantes das mudanças no município. Já 13,3% não perceberam tal dinamização na economia uruçuiense haja vista dedicarem-se exclusivamente a agricultura de subsistência, enquanto 10,8% não se manifestaram, pois não observaram nenhuma mudança expressiva no local de moradia, como exposto no Gráfico 12.

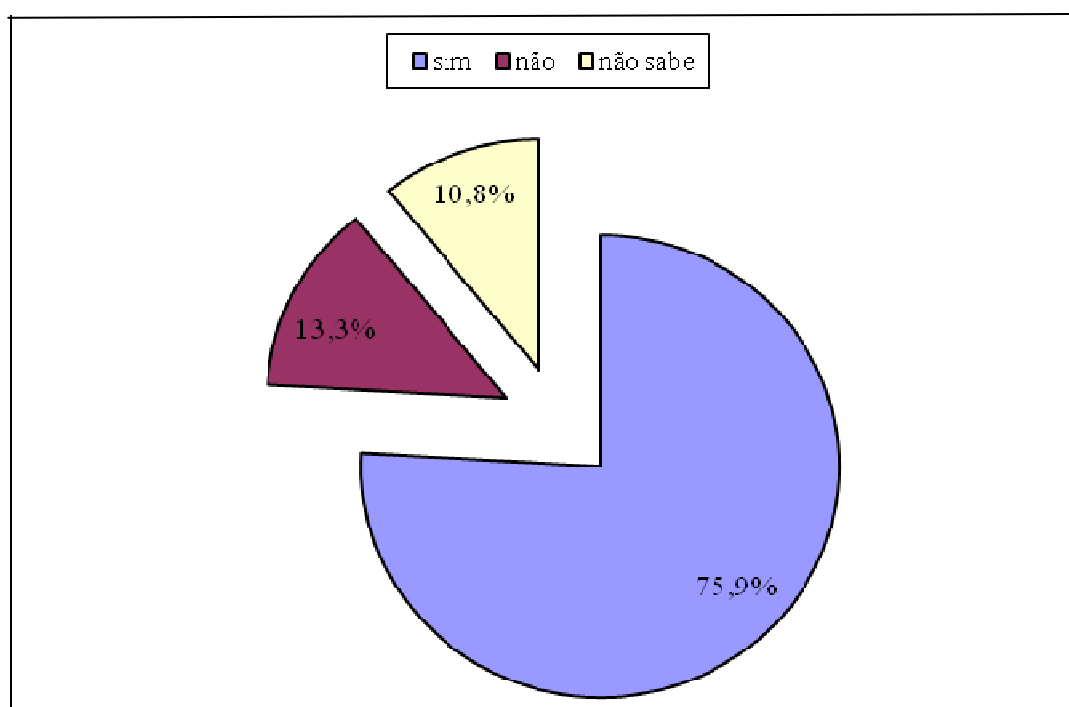


Gráfico 12: Participação da comunidade rural de Urucuí-PI nas atividades dos empreendimentos agrícolas.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

Porém, apesar do último posicionamento, salienta-se que o desempenho nas atividades agrícolas e não-agrícolas foi de fundamental importância para a população de Urucuí, na medida em que contribuiu para a diversificação da funcionalidade produtiva da sociedade e do espaço rural, em concordância com a concepção de Kageyama (2002, p. 12) de que as “pluriatividades não eram, como se chegou a pensar, o prenúncio da saída da agricultura, mas uma solução funcional no nível micro de elevar a renda familiar e viabilizar a sua permanência no campo”.

Todavia, ressalta-se que ao mesmo tempo em que se reconhece a relevância da instalação dos produtores de grãos na zona rural de Uruçuí para a reorganização do espaço territorial no campo, para a distribuição das terras no sentido de acomodar os trabalhadores em Assentamento e para a permanência dos antigos povoados nas áreas próximas as fazendas e aos baixões, evidencia a crescente dependência da dinamização dos espaços urbano e rural do município, devido à interrelação das atividades agrícolas de pequeno, média e grande escalas, com atividades empresariais, industriais e serviços. Esta configuração, segundo Haesbaert (2006), consistiu na internalização da reterritorialização, mediante o movimento de construção de territórios que foram desterritorializados, quando o município de Uruçuí assumiu outros movimentos que o levou a uma nova lógica de organização socioespacial.

5.4 Produtores rurais

Em consonância com o IBAMA (2007), existiam 67 (sessenta e sete) fazendas produtoras de grãos em Uruçuí. Deste total, aplicaram-se, de forma aleatória, questionários junto a sete produtores rurais, correspondendo a uma amostra de 10,45%. Por meio da análise da pesquisa, identificou-se que 71,4% dos proprietários das fazendas eram naturais do estado do Rio Grande do Sul e somente 28,6% eram oriundos do Paraná (Gráfico 13).

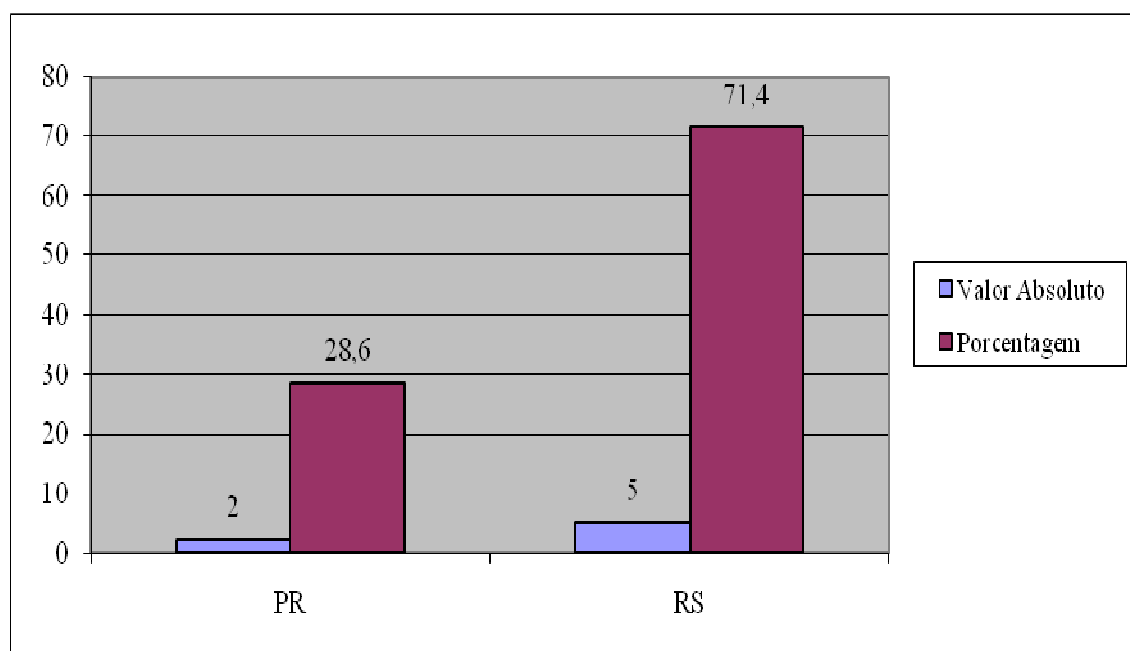


Gráfico 13: Naturalidade dos produtores de grãos de Uruçuí-PI.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

A predominância da origem gaúcha dos produtores de grãos em Uruçuí, como exposto no Gráfico 13, confirmou a denominação dada ao conjunto dos migrantes de “gaúchos”, sem embargo destacar a presença de empreendedores provenientes de Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e do próprio Piauí, porém os mesmos não integraram a amostra aleatória.

Conforme Elias (2006), a modernização da agricultura nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste terem ocorrido a partir da década de 1960 e a necessidade de acrescer a geração de divisas para equilibrar o balanço de pagamentos do Brasil, fez-se premente a difusão da cultura de grãos e, em particular, da soja nos cerrados nordestinos. Para tanto, contou com a migração de grande quantidade de empresários agrícolas oriundos das ditas regiões, os quais provocaram transformações na dinâmica populacional e territorial do Nordeste.

Nessa perspectiva, para Sposito (2004), a dinâmica populacional redundou na (re) organização territorial de Uruçuí, resultante dos diferentes usos do espaço pelos produtores graníferos, que se apropriaram e transformaram a natureza, em virtude do espaço ser um recurso natural essencial para a realização das distintas atividades

produtivas, como indústria, mineração e agricultura, as quais estabeleceram a distinção deste território sobre os demais.

Quanto ao tempo de moradia dos produtores rurais no município, constatou-se pelo Gráfico 14, que 57,1% residiam em Uruçuí de quatro a sete anos e 28,6% habitavam e desenvolviam atividades agrícolas a mais de oito. De acordo com Alves (2005), estes últimos foram os responsáveis pelos novos contornos espaciais e demográficos, os quais geraram como consequência mudanças nos âmbitos econômicos, ambientais e socioculturais nas áreas rurais e urbanas.

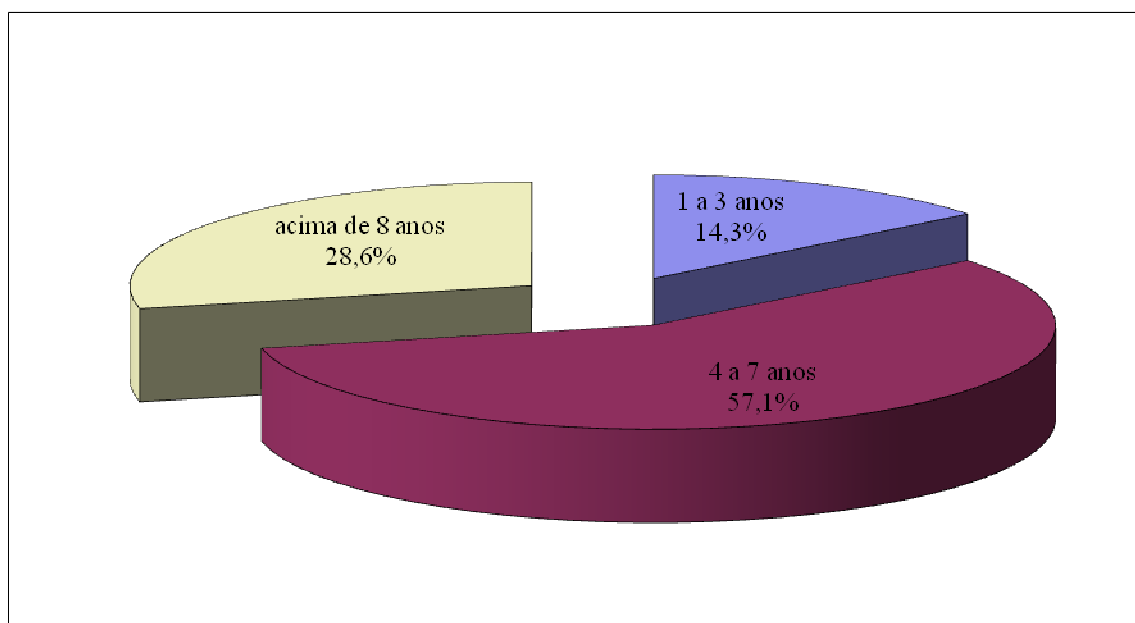


Gráfico 14: Tempo de moradia dos produtores rurais em Uruçuí.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

Ainda em relação ao Gráfico 14, somente 14,3% do universo pesquisado encontravam-se em Uruçuí de um a três anos, como agricultor. No entanto, consoante com Alves (2005), no Brasil apenas recentemente um conjunto de municípios passou a ganhar centralidade alicerçada no crescimento da agricultura produtivista para o atendimento das novas demandas da agricultura moderna.

Com base na classificação¹⁴ estabelecida pelo INCRA para a estrutura fundiária, identificou-se que em Uruçuí 28,6% dos imóveis rurais¹⁵ possuíam de 100 a menos de 1.000 hectares e 71,4% contavam com áreas de mais 1.000 hectares, como mostrado no Gráfico 15.

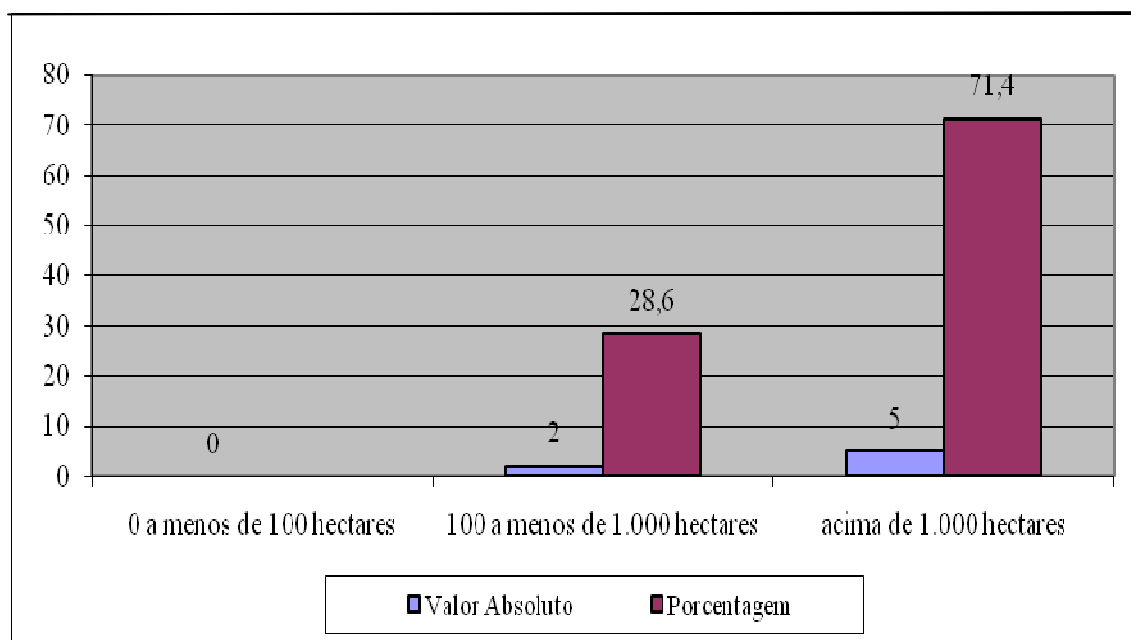


Gráfico 15: Classificação das propriedades agrícolas de Uruçuí-PI.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

A partir da classificação adotada pelo referido Instituto para determinar o tamanho dos espaços destinados à agricultura, o Gráfico 15 manifestou que 28,6% e 71,4% encontravam-se nos estratos de área de média e grande propriedades, respectivamente.

Esta configuração expressou a conjuntura explícita dada pela Fundação CEPRO (2005), que em Uruçuí, neste ano, os imóveis rurais totalizaram 713 (setecentos e treze), e que desse total, 38,5% concentraram-se no grupo de área de menos 10 hectares, 18,4% de 10 a menos de 50 hectares, 10,8% de 50 a menos de 100 hectares, 23,6% de 100 a

¹⁴ Os espaços agrícolas são classificados pelo INCRA da seguinte forma: de 0 a menos de 100 hectares, de 100 a menos de 1.000 hectares e acima de 1.000 hectares em pequena, média e grande propriedades, respectivamente.

¹⁵ A Lei nº 8.629 de 25/02/1993 caracteriza imóvel rural como um prédio rústico de área contínua em qualquer localização, voltado para a exploração agropecuária, extrativa, florestal e agroindustrial.

menos de 500 hectares e somente 8,7% no estrato de 500 a mais hectares. Tal conformação demonstrou que a estrutura fundiária no município era marcada por um pequeno montante de estabelecimentos com extensas áreas de terras destinadas à produção de soja para exportação, o que provocou, consequentemente, o aprofundamento da estrutura da terra em Uruçuí e no estado do Piauí.

Apresenta-se na Figura 22, as imagens de satélite de Uruçuí captadas nos anos de 1993 e 2006, com vistas demonstrar a crescente ocupação e uso do solo em Uruçuí e as consequências socioeconômicas, espaciais e ambientais.

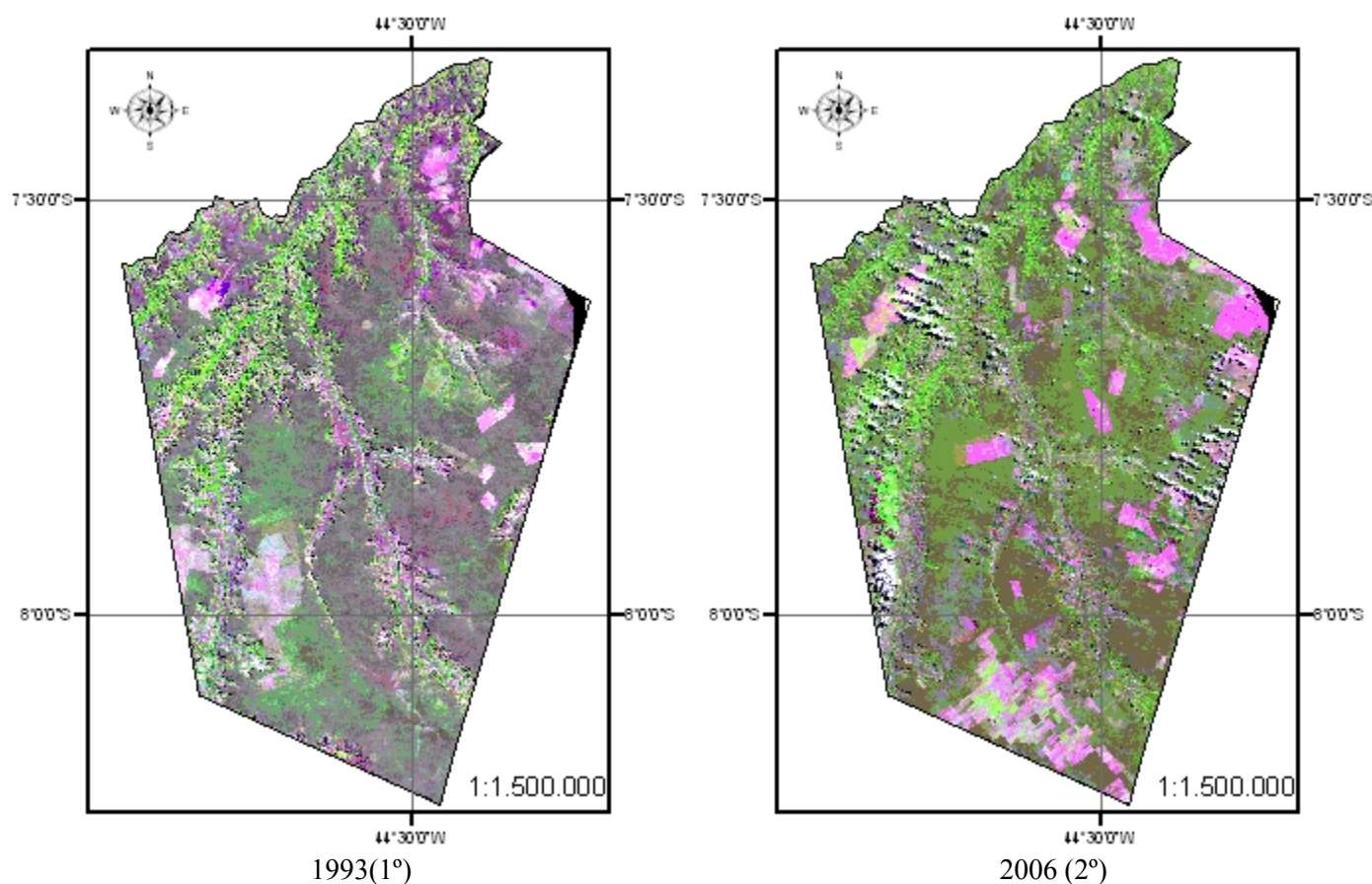


Figura 22: Mosaico de imagens de satélites TM do ano de 1993 e 2006 em Uruçuí-PI.

Fonte: TM/LANDSAT 5 e 7, INPE (1993 e 2006), adaptado por Oliveira (2009).

Consoante Florenzano (2002), as imagens registraram a energia proveniente dos objetos da superfície observada, neste caso, a Figura 22 consiste nas representações das

composições de bandas¹⁶ 1, 2, 3, 4, 5 e 7 que permitiram a discriminação dos principais objetos de interesse para análise de vegetação, pastos/agricultura, solo exposto, nuvens e corpos d'água.

Nesse sentido, de acordo com Sousa e Silva (2007), a banda 1, que equivale a banda azul, refere-se a penetração em corpos d'água, que possibilita detalhar com mais precisão a turbidez da água, quando contém um carregamento de sedimentos e o traçado das correntes em corpos d'água. A banda 2, que corresponde à banda verde, possui grande sensibilidade por apresentar substâncias depositadas em suspensão na água, é utilizada para estudos de qualidade e mapeamento dos corpos d'água. A banda 3, que representa a cor vermelha, contrasta as áreas cobertas com vegetação e solo exposto, é usada nos mapeamentos de ocupação e uso do solo. A banda 4, que se associa ao espectro eletromagnético do infra-vermelho próximo, significa que a vegetação configura-se na energia refletida da superfície da terra com maior nitidez. A banda 5 admiti observar o teor de umidade nas plantas e detectar possíveis estresses na vegetação causados por falta de água. E, a banda 7, que corresponde à banda do infra-vermelho distante, caracteriza-se pela intensa sensibilidade à morfologia do terreno, sendo importantíssima nos estudos de geologia, solos e geomorfologia.

Enfatiza-se, ainda, que na Figura 22, os mosaicos reproduzem a associação das bandas 3, 4 e 5, por isso manifestam o avanço do processo de antropização sobre o cerrado uruçiense em decorrência da inserção da agricultura moderna determinar o ritmo de apropriação e mutação da zona rural no município, redundando na construção de um espaço dinâmico com a finalidade de cultivar grãos, em particular, soja. Assim, as análises multitemporal das imagens dos satélites nos citados anos demonstraram que nos sentidos sudoeste, sul e norte do contorno da Figura, a coloração magenta¹⁷ comprova a expansão dos projetos agrícolas, sobretudo, depois do ano 2000.

Ademais, salienta-se, por meio da Figura 22, que o espaço territorial de Uruçuí é composto por uma diversificação topográfica do relevo, denotando-se, assim, como um

¹⁶ Florenzano (2002) destaca que bandas, correspondem as faixas espectrais que operam em diferentes frequências de comprimento de ondas, as quais passam ao campo do visível.

¹⁷ Ainda em conformidade com Florenzano (2002), coloração magenta exprime a cor rosa no geoprocessamento.

dos fatores essenciais para a ocupação e uso da zona rural do município pelos produtores agrícolas. Destarte, Luchiari *et al.* (2005), as imagens de satélites apresentadas, do ponto de vista temporal, expõem a lógica de intervenção humana nas áreas dos baixões e nas chapadas, conformando, dessa forma, a nova reorganização territorial de Uruçuí.

Logo, diante dessa realidade, verificou-se que a apropriação espacial centrada na expansão das propriedades graníferas, configurou a territorialização nas zonas rural e urbana nas relações econômicas, sociais, ambientais e espaciais.

As Figuras 23 e 24 apresentam a evolução temporal de ocupação e uso do território uruçuiense, considerando a composição do sistema natural e as ações antrópicas em Uruçuí.

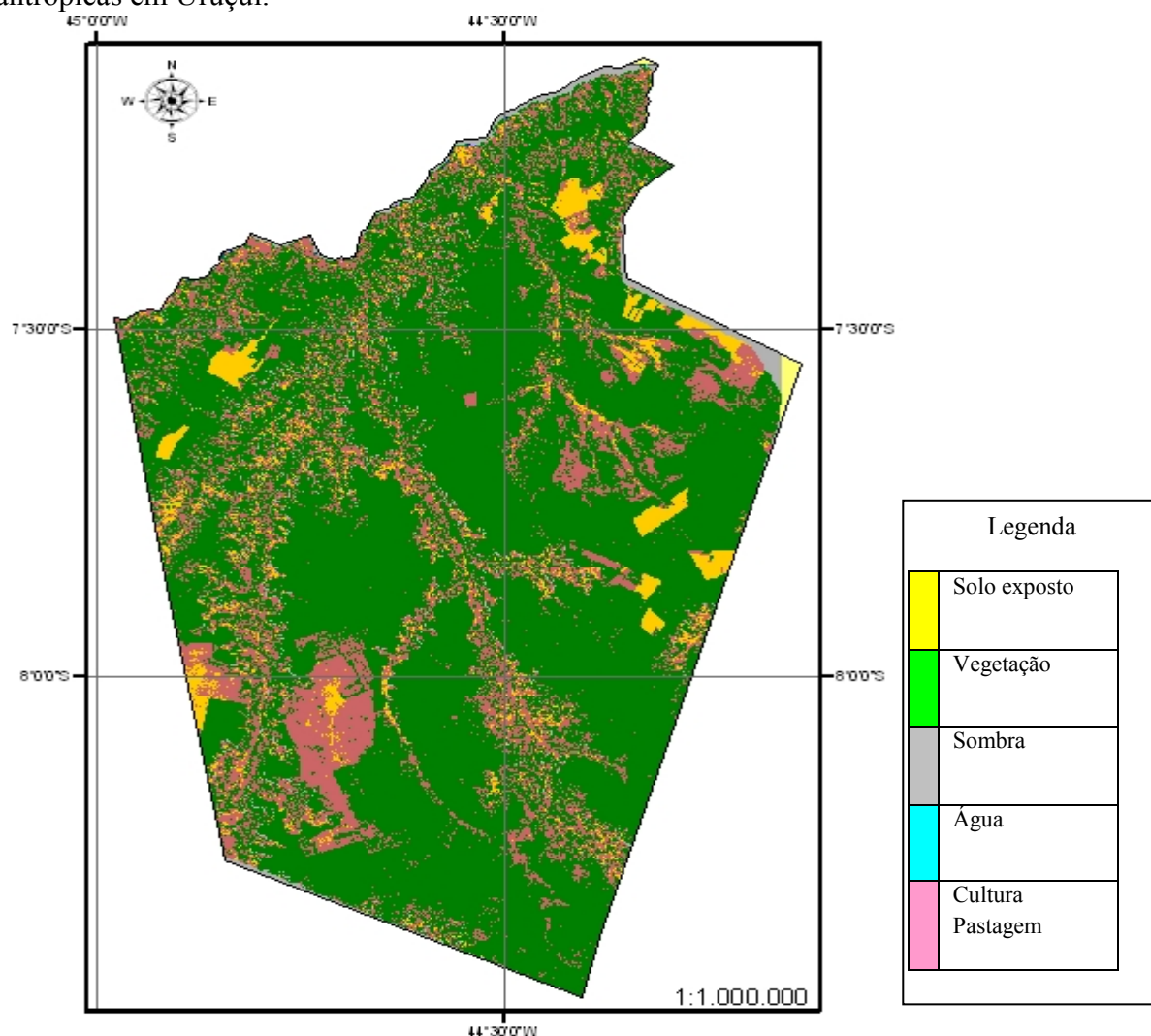


Figura 23: Ocupação e uso do território de Uruçuí-PI em 1993.

Fonte: Sousa e Silva (2007), adaptado por Oliveira (2009).

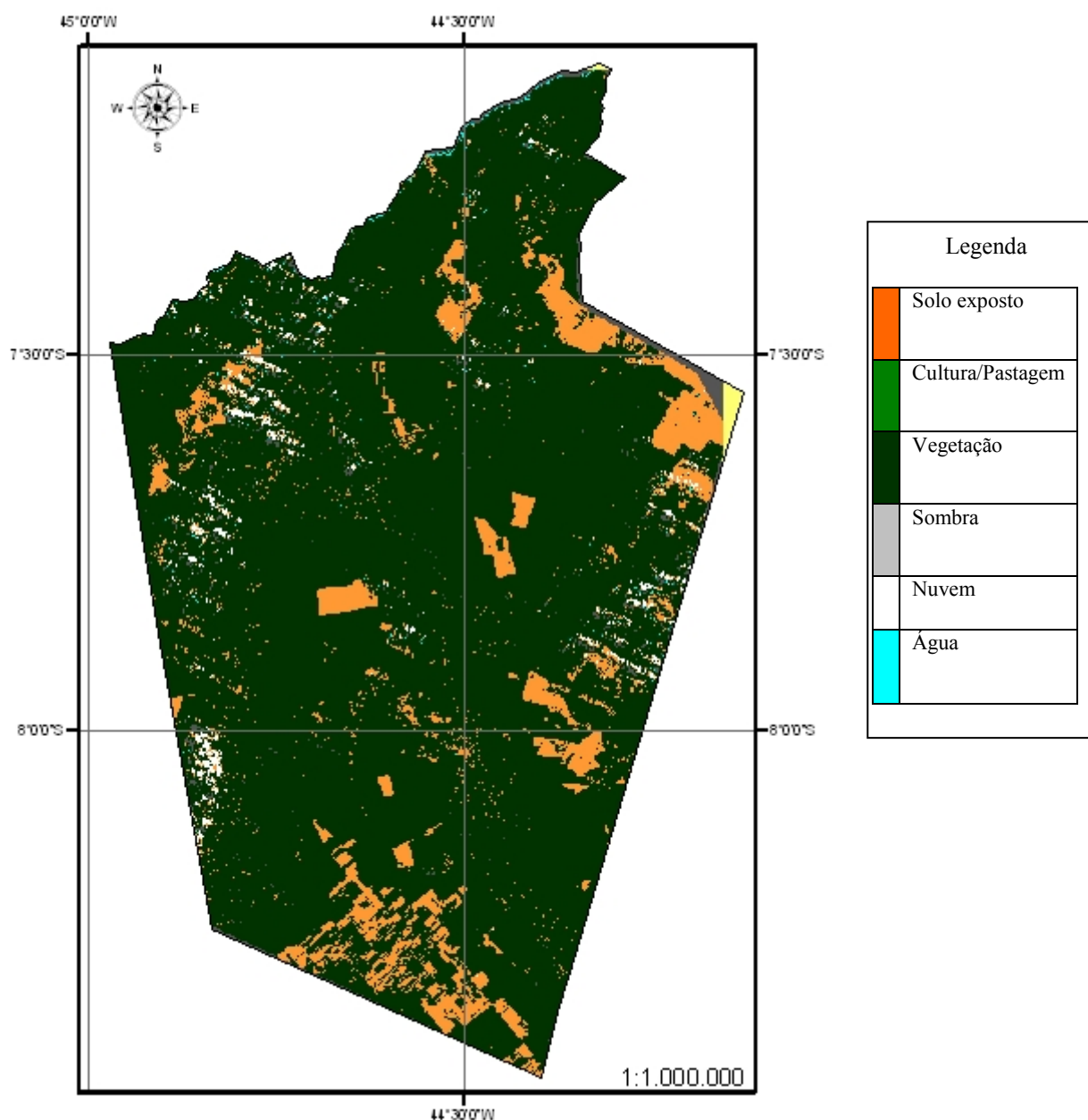


Figura 24: Ocupação e uso do território de Uruçuí-PI em 2006.

Fonte: Sousa e Silva (2007), adaptado por Oliveira (2009).

A Figura 23, ao expor a disseminação da cor magenta por grande parte do município, patenteou a vastidão de pastagem ocorrentes nos anos de 1990, sobretudo, nas áreas próximas às encostas, conhecidas no cerrado do Piauí como baixões. Verificou-se, também, a reduzida presença de solo exposto nessa região, em função dos projetos de grãos existentes no município, nesse período, ainda não possuírem a

dimensão econômica atual, haja vista que a ocupação pelos “gaúchos” tornou-se mais intensa em Uruçuí somente no final da década de 1990.

Já na Figura 24, observou-se a crescente ocupação nas áreas denominadas de “cerrado”, situado na zona rural em Uruçuí pelos empreendimentos agrícolas, evidenciando a conformação da (re) organização espacial. Ao mesmo tempo, identificou-se a ampliação da quantidade de solo exposto, essencialmente, nas porções central, sul e norte, em virtude do progressivo cultivo de grãos.

Através da utilização do aplicativo computacional SPRING versão 4.3.3, elaborou-se a Tabela 2, que apresenta a comparação entre as Figuras 23 e 24, no sentido de demonstrar as principais diferenças no processo de ocupação do município, caracterizando-as como entidades geo-objetos.

Tabela 2 – Uso e ocupação do território de Uruçuí-PI em 1993 e em 2006.

Uso e ocupação	Ano (%)	
	1993	2006
Água	0,02	0,19
Vegetação	67,31	48,57
Solo exposto	4,90	8,30
Cultura/Pastagem	18,82	28,35
Nuvem	0,00	1,02
Sombra	8,95	13,56
Total	100,00	100,00

Fonte: Sousa e Silva (2007).

Diante do disposto na Tabela 2, constatou-se que em 1993, 67,31% da área do município corresponderam a vegetação, o que equivaleu à ocupação mais importante de objeto de energia proveniente da superfície observada. Enquanto em 2006, percebeu-se uma redução de 18,74% da cobertura vegetal, atingindo o patamar de 48,57%. A Tabela revelou, também, o incremento de 9,53%, na cultura/pastagem no período sob análise. Este contexto manifestou o crescimento, por um lado, da ocupação do solo com o cultivo de soja e, por outro

lado, da quantidade de solo exposto, o qual alcançou 59%, derivado da ampliação do desmatamento.

Com base nesse cenário, explicitam-se, no Gráfico 16, as culturas mais relevantes produzidas nas Fazendas agrícolas em Uruçuí.

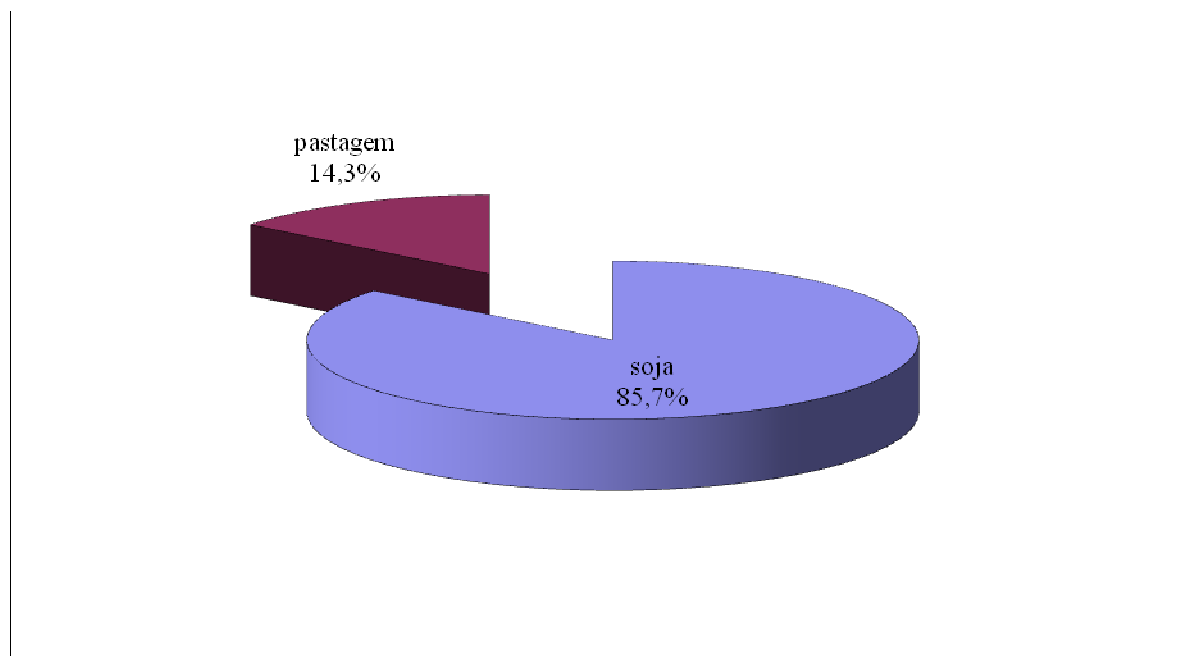


Gráfico 16: Lavours produzidas nas Fazendas em Uruçuí-PI.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

O referido Gráfico indicou que do universo de sete Fazendas, 85,7% produziam soja e somente 14,3% dedicavam-se ao plantio de pastagem, que historicamente integrou a economia de Uruçuí, alicerçada na pecuária extensiva. Todavia, verificou-se, outrossim, a diminuição gradativa desta atividade devido à perda de importância no município e no estado do Piauí.

Sabe-se que para a instalação das referidas Fazendas em território uruçuiense faz-se indispensável a elaboração da Avaliação de Impactos Ambientais (AIA), haja vista que, consoante Aguiar (2005, p. 45), a mesma consiste em relevante mecanismo da Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA), com caráter eminentemente preventivo, a qual é implantada por meio dos “EIA’s e seus respectivos RIMA’s, que terão a finalidade de funcionar como fórum de negociação social, entre os agentes poluidores, os representantes da sociedade civil e os gestores públicos”.

Destarte, Gonçalves (2008) enfatiza a relevância do EIA em função de objetivar, identificar, avaliar e propor medidas que possam contribuir para prevenir ou mitigar externalidades negativas geradas no *locus* de produção, bem como potencializar os impactos positivos provocados pela ação do homem sobre o meio ambiente destinado à atividade econômica ou após a implementação da mesma.

Nessa perspectiva, verificou-se que 71,50% e 28,50% dos produtores rurais elaboraram e não elaboraram os EIA's/RIMA's, respectivamente. Tal panorama expôs, por um lado, a reduzida consciência ambiental ou ausência de conhecimento proeminente da legislação ambiental.

Ademais, ressalta-se que nos EIA's/RIMA's devem constar as medidas mitigadoras para atividade produtiva com significativo potencial de externalidade negativa. Desta maneira, a análise dos dados da pesquisa revelou, outrossim, que 71,50% dos produtores rurais utilizavam somente o sistema de plantio direto como medida atenuadora da degradação do solo, como apresentado na Figura 25.



Figura 25: Plantio direto da soja nas Fazendas agrícolas em Uruçuí-PI.

Fonte: Fianco (2007).

Enquanto, 28,50%, além do uso do plantio direto, plantavam obedecendo as curvas de nível do relevo, ligando as linhas isométricas¹⁸, as quais tornam possível representar em um plano a cultura com equidistâncias determinadas, numa área de relevo planáltico ou em secção de elevações (GUERRA; GUERRA, 2003).

Tais sistemas de produção acarretaram progressivamente a expansão do raio horizontal das Fazendas nas áreas de chapada, contribuindo para remanejar pequenos agricultores para as áreas menos valorizadas, como é o caso dos baixões.

Constatou-se, por meio da pesquisa, que 57,20% dos produtores de grãos reconheceram os empreendimentos agrícolas como geradores de emprego e renda, o que conduziu a melhora das condições socioeconômicas da população de Uruçuí, em função da utilização da mão-de-obra local desincentivar a migração desta para outros municípios do Piauí e do Brasil. Segundo a Fundação CEPRO (2008b), esta conformação possibilitou a elevação do PIB per capita municipal, na medida em que em 2006 foi de R\$ 19.471,38, o colocando em primeiro lugar no cômputo estadual. Esse contexto, sem embargo não instaurar a distribuição equitativa da renda, permitiu o aumento considerável de trabalhadores com rendimentos.

Já 28,50% notificaram como contribuição proeminente dos agricultores para Uruçuí o incremento da arrecadação de impostos. Todavia, não obstante esta participação positiva, os mesmos manifestaram-se enfaticamente sobre a ausência de intervenção estatal no município, sobretudo, na construção e ampliação de infra-estruturas básicas, como rede elétrica e estradas (Figura 26).

¹⁸ Segundo Guerra e Guerra (2003), constituem as linhas de igual altitude e estão acima do nível do mar.



Figura 26: Rodovia PI-247 entre Uruçuí e Bertolínia-PI.

Fonte: Autora (2008).

A referida Figura, ao demonstrar as condições de pavimentação da rodovia PI – 247, explicitou umas das maiores reclamações dos empreendedores rurais. Tal rodovia é utilizada para o escoamento dos grãos, cujos destinos são os portos do Pecem e do Mucuri, no Ceará, e o de Suape, em Pernambuco. Sendo assim, os constantes deslocamentos motivaram a intensificação do trânsito de carretas neste trecho, o que causou a piora das já precárias condições da estrada. Esta situação estimulou os próprios produtores a investir na recuperação destes corredores graníferos no município, provocando, deste modo, a abertura de novas vias, as quais auxiliaram na organização do espaço rural, na medida em que atenderam as necessidades mais urgentes dos produtores de grãos, em especial no período da colheita. Essa configuração, destacada por Sposito (2004), caracteriza as diferentes maneiras que a sociedade se utiliza da natureza na perspectiva de se apropriar e transformá-la ao longo do tempo.

Enquanto, 14,30% consideraram a consolidação dos “projetoires” determinante para a expansão econômica do município alicerçada na produção granífera. Este panorama, de acordo com o IBAMA (2007), derivou do aumento significativo a partir de 2000, de solicitação de licença para o desmatamento com a finalidade de instalar projetos produtores de grãos, o qual atingiu uma média de quatro por ano. Esse cenário implicou, necessariamente, um expressivo impacto negativo ao meio ambiente, pois o avanço do desmatamento causou danos à flora e fauna e diminuiu a fertilidade dos solos.

As principais mudanças identificadas pelos produtores rurais na zona urbana de Uruçuí, encontram-se explicitadas no Gráfico 17. Do total dos empreendedores, 42,86% ressaltaram a crescente implantação de empresas multinacionais vendedoras de equipamentos e insumos agrícolas como a New Holland, John Deere, Valtra, Honda, Yamara, dentre outras, como responsáveis pela geração de novos postos de trabalhos. Esta situação, em consonância com Basaldi (2001), foi resultante do estabelecimento de diversas atividades econômicas que complementaram a relação campo-cidade e impulsionaram o fortalecimento de ocupações agrícolas e não-agrícolas.

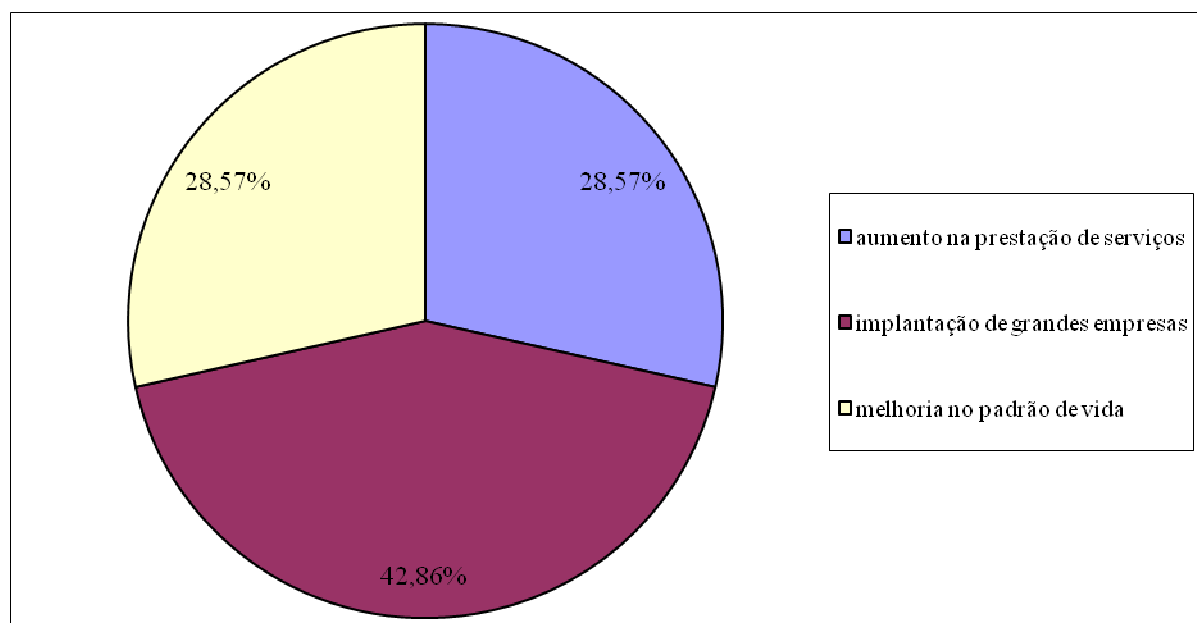


Gráfico 17: Mudanças identificadas pelos produtores rurais no espaço urbano de Uruçuí-PI.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

Os dados expostos no Gráfico 17 demonstraram, também que para 28,57% dos fazendeiros agrícolas, o aumento da prestação de serviço contribuiu consideravelmente para alavancar a estrutura econômica da população uruçuiense. Os demais, 28,57% asseveraram que a melhoria no padrão de vida foi o fato mais perceptível, já que a população passou a usufruir de bens até então ausentes na realidade local.

Inferiram-se, com base nesta configuração, que as empresas produtoras de grãos em Uruçuí ocasionaram profundas mudanças para a comunidade, haja vista que, de acordo com a Fundação CEPRO (2007), as mesmas suscitaram a realização de diversos cursos de capacitação, efetivados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Piauí (EMATER-PI), Secretaria Estadual de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMAR), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e New Rolland, que nos últimos quatro anos promoveram vários estágios, os quais tinham como finalidade, habilitar a população para exercer diversos tipos de atividades com vistas a atender às necessidades e carências das Fazendas, como manuseio e uso de fertilizantes, motoristas, tratoristas, dentre outras.

Do total dos empreendedores rurais, 71,43% admitiram a elevação da produtividade agrícola como uma das principais externalidades positivas para o espaço rural, em virtude de ter proporcionado safra recorde em 2008, transformando Uruçuí, no maior produtor de grãos do Estado. Apesar dessa conformação, salientaram que em determinados períodos, como em 2007, ocorreu a redução da produtividade, devido a fatores climáticos, o que provocou a demissão temporária de vários trabalhadores. Essa realidade demonstrou a frágil sustentabilidade do modelo econômico em implementação em Uruçuí.

Para 28,57%, o aspecto mais expressivo na zona rural foi o aperfeiçoamento do pequeno trabalhador rural, em decorrência das orientações de educação ambiental para a aplicação de agrotóxicos, uso de GPS, operação de máquinas agrícolas, identificação de doenças e pragas na lavoura, além do trato com animais e curso de eletricista. Tais procedimentos, contribuíram decisivamente para a integração da população de Uruçuí no mercado de trabalho, o que ampliou o desenvolvimento das pluriatividades, sobretudo, no campo, possibilitando a geração de renda extra para os trabalhadores

rurais locais e, em especial, para as famílias que não tinham condições de sobreviver exclusivamente da agricultura, redefinindo assim, as relações de trabalho no município (FUNDAÇÃO CEPRO, 2007).

Este contexto de mudanças explicitado no Gráfico 18 expôs que 57,14% do universo pesquisado revelaram a inserção produtiva do espaço rural para a potencialização econômica de Uruçuí e do Piauí, uma vez que em conformidade com a Fundação CEPRO (2008b), o PIB do Piauí em 2006 foi de R\$ 12.790 bilhões e o de Uruçuí atingiu o valor de R\$ 356.268, representando 2,79% do PIB estadual.

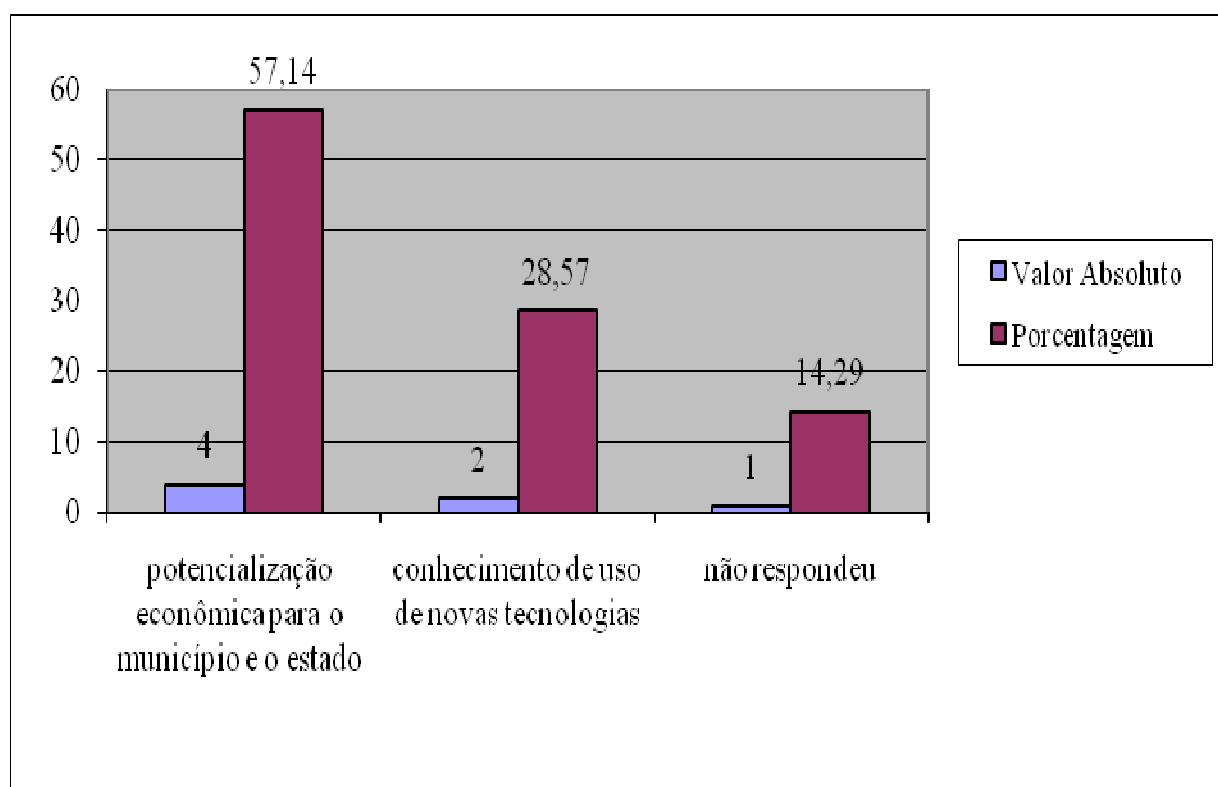


Gráfico 18: Consequências das transformações econômicas em Uruçuí-PI, pós instalação dos empreendedores rurais.

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2008.

Já 28,57% reconheceram que o meio rural foi importante para a disseminação do conhecimento e uso de novas tecnologias para a sociedade uruçuiense, tendo em vista ter criado as condições necessárias para a instalação de grandes empresas, como a Bunge Alimentos S.A. Esta configuração expressou a lógica do capitalismo globalizado,

ao explicitar que o capital não tem pátria, haja vista dirigir-se para o *lócus* com potencial de gerar maior rentabilidade por meio da inserção técnico-científico-informacional. E, somente 14,29% não se manifestaram, por não considerar a temática relevante.

Nessa perspectiva, constatou-se que a organização dos espaços hodiernos, principalmente os que se voltaram ao cultivo de grãos, especialmente, soja, como Uruçuí vem passando por várias modificações no âmbito espacial, as quais conduziram ao reordenamento da sociedade, embasado na designação de áreas reservadas para o domicílio da população mais abastada, diferentes das áreas destinadas para a moradia da população desprovida dos meios de produção, como também, na implementação e dinamização de atividades econômicas agrícolas e não-agrícolas, as quais tornaram os espaços rural e urbano interdependentes. No aspecto social, foi perceptível a melhoria da qualidade de vida da comunidade local, na medida em que ocorreu a inserção dos trabalhadores uruçuienses nas atividades econômicas, o que estimulou a fixação do trabalhador no município, reduzindo consequentemente o êxodo rural. Já do ponto de vista ambiental, a progressiva implantação de projetos graníferos resultou na intensificação do desmatamento, o que gerou profundos danos ambientais.

Portanto, esse novo conjunto espaço-territorial de Uruçuí, conformado pela complementaridade entre as zonas rural e urbana, ao mesmo tempo em que se manifestaram as fragilidades nas sustentabilidades econômicas, social e ambiental, preocupou-se em atender, recorrentemente, as demandas de *commodities* dos mercados nacional e internacional.